

6.

Análise do Discurso de Duas Gerações

A análise dos discursos será apresentada com base em cinco temas que emergiram das entrevistas realizadas e que compõem o argumento desta tese. São eles: 1. Duas concepções de família. 2. Um modelo de trajetória de vida centrada na família sustentando uma concepção de família centrada no casal. 3. Abalando os padrões. 4. Um modelo de trajetória de vida centrada no indivíduo e a descentralização do casal nas novas concepções de família. 5. Família continua sendo importante.

No decorrer da análise dessa temática, tem-se o objetivo de discutir como se processou a transformação do lugar atribuído à constituição de uma família nas trajetórias de vida dos sujeitos nas últimas décadas, bem como a forma como se concebe família para as duas gerações focalizadas. Por isso, o primeiro assunto apresentado – duas concepções de família – é o mais amplo, o principal. Os outros que se sucedem a esse demonstram como o padrão social de trajetória de vida que dava sustentação a um modelo de família centrado no casal foi se transformando e conduzindo à emergência de outra concepção, centrada nos filhos.

O uso das falas das pessoas das duas gerações investigadas nesta análise não serve a que se afirme que as impressões de cada geração se opõem, embora a segunda e a terceira categorias analisadas se apoiem mais nas falas dos entrevistados da geração mais velha e a quarta categoria nas falas dos entrevistados da geração mais jovem. O objetivo maior desta análise foi o de conhecer o processo de transformação da concepção de família e compreender o modo como as mudanças nas concepções de família estão atreladas a mudanças sociais mais amplas, das quais faz parte a individualização dos modelos de trajetória de vida de homens e mulheres na contemporaneidade.

A transformação de um modelo de família “centrado no casal” para um modelo de família “centrado nos filhos” se dá como consequência da individualização da sociedade e da crescente instabilidade dos casamentos na contemporaneidade. Mudou, sobretudo, o modelo de casamento baseado na idéia de ser “felizes para sempre”.

Hoje, o fim dos casamentos, se não é esperado, já não surpreende tanto os cônjuges. Esta mudança de expectativa dos indivíduos frente ao casamento ocorre dentro de uma conjuntura onde diversas outras transformações respondem à incorporação de valores igualitários na sociedade brasileira. Dentre elas, está o enfraquecimento do modelo social de complementaridade de papéis e de trajetórias de vida para homens e mulheres, fazendo surgir outro modelo de trajetória de vida, menos padronizado, mais individualizado. Nesse novo modelo, verifica-se que preocupações e objetivos de homens e mulheres vêm se tornando mais semelhantes e que o ato de constituir uma família adquire novas funções e significados para as pessoas.

Assim, pode-se dizer que a individualização das trajetórias de vida de homens e mulheres provoca um deslocamento do projeto de ter filhos do âmbito conjugal para o âmbito pessoal. Permanece, no entanto, a importância atribuída à família de uma forma geral.

6.1.

Duas concepções de família: a ênfase no casal e a ênfase nos filhos

“... Filhos, eu gostaria de ter. Uns 5 filhos. Gostaria de ter tido. (...) Com um companheiro. Com um companheiro certo. Mas aí, com filho, eu já ia casar. Ia querer casar pra formar família, né? Pra ficar família direitinho. Acho que pra ter filho acho que tem que ser junto, ficar junto, ver os filhos crescerem juntos.” (Antônia, 63 anos, solteira)

“Tá. O plano de família sempre existiu. Eu sempre quis ter filhos. (...) Filhos. Família. Marido, não. Assim, marido, se ele existir, pra mim é 100% melhor porque é uma figura que vai me ajudar a cuidar da família.” (Lígia, 33 anos, solteira)

As falas destas duas mulheres de diferentes gerações, Antônia e Lígia, explicitam duas concepções muito diferentes de família, onde justamente está em

questão a centralidade do casamento para aquilo que representa constituir uma família.

A fala de Antônio (63 a) nos remete a uma concepção de família fundada a partir do casamento. “*Família direitinho*” é justamente aquela família constituída em torno do núcleo conjugal. Trata-se da concepção de família, da qual fala Segalen (2008), onde o casal fundava a família moderna. Assim, filhos fariam parte da família, mas viriam necessariamente depois da consolidação da conjugalidade - num retrato muito próximo do que Singly (2007) chama de “família feliz”.

Para Antônio, ter filhos era vislumbrado dentro do horizonte do casamento. A idéia de ter filhos estava atrelada à possibilidade de se casar e a idéia de ter uma família era fundada, antes de tudo, no casamento. Filhos eram desejados dentro do casamento, faziam parte do que se concebia como família, mas deveriam ser fruto dos projetos do casal.

Tal concepção de família reflete diretamente a influência de valores modernos na mentalidade e nos discursos desta geração. Nela, enfatiza-se a relevância do núcleo familiar, o núcleo conjugal, para se constituir uma família, lembrando que quando se fala em núcleo conjugal fala-se em casamento formal. Isso pode ser percebido pela distinção que Antônio faz entre “companheiro” e “alguém para casar”. “*Com um companheiro. Com um companheiro certo. Mas aí, com filho, eu já ia casar.*” Sua fala demonstra, portanto, que para ela seria importante que fosse uma relação conjugal formalizada conforme as normas institucionais da época.

A valorização da formalização legal da relação conjugal está diretamente ligada à expectativa de longa duração do casamento. Uma das grandes mudanças observadas nas relações familiares na contemporaneidade diz respeito exatamente ao aumento da incidência de divórcio e à diminuição dos casamentos formalizados, com o aumento dos casos de união livre ou coabitação (Singly, 2007; Segalen, 2008; Berquó, 1989).

Este é um aspecto que a fala de Antônio evidencia. Numa concepção moderna de família, a idéia de solidez e durabilidade da relação conjugal está presente. “*ficar junto, ver os filhos crescerem juntos*” indica haver uma expectativa de que o casamento dure por muitos e muitos anos – outra

característica da família moderna (Diniz & Coelho, 2005; Singly, 2007; Segalen 2008).

Tudo isto reafirma o peso das instituições sociais na forma como se concebia família algumas décadas atrás. Trata-se de uma visão claramente oposta àquela que se forma na contemporaneidade, como se pode ver através da comparação com a fala de Lígia.

Para Lígia, a idéia de constituir uma família se volta, antes de tudo, para o ato de ter filhos. Nos seus planos, o casamento não é parte *sine qua non* para a constituição de uma família. Isso nos remete, mais uma vez, a Segalen (2008), que afirma que, diante da eminência do divórcio na contemporaneidade, é a criança quem funda a família.

Fala-se, portanto, de uma família conjugal “instável”, onde, como disse a entrevistada, “*marido, se ele existir, pra mim é 100% melhor porque é uma figura que vai me ajudar a cuidar da família.*” Observa-se, com isso, uma transformação radical na concepção de família das décadas anteriores, fundada em torno do casamento. Atualmente, é possível imaginar família sem casal, só com filhos, e também aceitar que filhos nasçam fora de uma relação conjugal estável.

Então, enquanto para as pessoas da geração anterior, o esperado era que as crianças nascessem dentro do casamento, na contemporaneidade, apontam os dados estatísticos que cada vez aumenta mais o número de crianças que nascem fora de relações conjugais formais.

Assim, filhos deixam de ser fruto exclusivo de projetos de casais e passam a ser fruto de projetos individuais. Por isso, Lígia não faz referência a um modelo de “família direitinho” – a “família feliz”, centrada no casal - quando pensa em ter filhos. Existe o desejo de ter uma família, mas o que vem a ocupar o centro na sua concepção de família são os filhos que ela planeja ter.

Observa-se, assim, o enfraquecimento de um modelo de família, a família nuclear moderna. Este é um modelo que se funda historicamente pela valorização da relação dos pais – principalmente a mãe - com a criança (Ariès, 2006). Isso remonta ao período de transição da Idade Média para a Modernidade. A ocupação dos pais com a educação de seus filhos propiciou o fortalecimento dos vínculos daqueles que constituíam o núcleo familiar, gerando, assim, uma concepção de família formada a partir do núcleo conjugal. Tal modelo de família instituído

justifica que se refira à família como o núcleo pai-mãe-filhos. Esta é a base da concepção de família chamada aqui “família centrada no casal”.

A mudança na concepção de família de que tratamos aqui está ligada à transformação da concepção de família baseada no modelo da família conjugal moderna. Pode-se afirmar que a crescente instabilidade que atingiu as relações amorosas, à medida que a contemporaneidade avança, fez surgir uma nova concepção de família. O enfraquecimento da instituição do casamento, com a ausência de expectativa de longa vida conjugal, levou ao deslocamento do casal do centro da família, trazendo para seu lugar os filhos.

No cenário contemporâneo, uma das características das concepções de família atuais é o seu menor grau de institucionalização (Segalen, 2008). Como também aponta Singly (2007), as famílias de hoje são mais valorizadas quando ocasionam a satisfação dos indivíduos que a compõem. Não é necessário corresponder ao modelo de família nuclear moderna. Hoje, já que não se pode contar com a solidez da união conjugal, o espírito da família se faz viver de diversas outras formas.

6.2.

Um modelo de trajetória de vida centrada na família sustentando uma concepção de família centrada no casal

A transformação da concepção de família “centrada no casal” para outra “centrada nos filhos” se deu ao longo de um processo de mudanças sociais que acabaram por desestabilizar as bases do modelo da família nuclear moderna.

Pudemos observar, sobretudo através dos discursos de nossos entrevistados da geração mais velha, a padronização de um modelo de trajetória de vida que sustentava a concepção de família centrada no casal. O discurso da família formada a partir do casal se constituiu em um contexto marcado pela: 1. institucionalização de um modelo social de atribuição de papéis distintos para homens e para mulheres – o trabalho para os homens e a família para as mulheres; 2. fixação de um padrão social de família e de trajetória de vida dentro do qual os indivíduos tinham pouca margem de manobra de suas vidas – casamento é para todos e para sempre, e com filhos.

6.2.1.

Trabalho para os homens, família para as mulheres

Num modelo de família instituído conforme os padrões tradicionais de divisão dos papéis de gênero na sociedade, atribuía-se aos homens a função de provedor da família (Rocha-Coutinho, 1994; Costa, 1989; Maluf & Mott, 2008). Por isso, a idéia de constituir uma família, para os homens, se fazia acompanhar da preocupação com uma profissão “consistente”, através da qual fosse possível sustentar toda família.

Nas falas de nossos entrevistados da geração mais velha, observa-se que era uma preocupação para eles escolher um trabalho ou profissão que lhes dessem boas condições financeiras no futuro, como se pode ver nas falas abaixo:

“Até fiz teatro no colégio, etc e tal. Mas eu queria uma coisa mais consistente, entendeu? Nesse aspecto mais de... de vislumbre, de possibilidades no futuro.” (Augusto, 66 anos, casado pela 2ª vez)

“Então, eu também escolhi engenharia por causa do lado financeiro. Eu achei que eu precisava, primeiro... eu tinha que me dar bem financeiramente. Eu queria uma profissão que, antes de tudo, me propiciasse uma base, uma saúde financeira. A primeira parte da saúde era financeira. Mas eu não tinha nenhum projeto de engenharia. Nunca. Meu negócio era futebol. Eu jogava muito bem. Então, todo mundo queria que eu fosse ser jogador. E quando eu fiz o científico eu fui muito bom aluno de química. E era um professor rígido, que quase ninguém tirava nota boa. E eu tirava nota boa. Aí, bom, como tinha engenharia química, eu juntei a engenharia, quer dizer, eu gostava da matemática, cálculo, essas coisas. Mas eu nunca pensei em ser engenheiro. Nem engenheiro civil, nem engenheiro mecânico, nem engenheiro eletricista, nada disso. Eu queria grana, né?” (Elias, 65 anos, separado)

A preocupação dos homens com os ganhos financeiros pode ser compreendida quando se considera a existência de um modelo social de família

em que cabia aos homens o papel de provedor da família. Justamente por ser aquele contexto social caracterizado pela forte institucionalização de modelos de trajetórias de vida, conforme Cavalli (2003), havia uma grande preocupação por parte dos homens em corresponder a tal padrão e, portanto, em obter do trabalho rendimentos financeiros suficientes para sustentar toda a família, como se pode ver nas falas de Augusto e Norberto:

“Nunca achei que casamento seria ruim. Eu tinha medo. Porque você veja bem, na época mulher não trabalhava. Então, se você tivesse seu salário você tava vivendo. Quando você casava, você aumentava um. Com filho, aumentava dois. Quer dizer, você que ganhava aquilo tinha que ganhar três vezes mais porque era complicado. Hoje, não. Hoje divide. Hoje a mulher trabalha. O homem trabalha. Quer dizer, há muito tempo isso já. Então, acho que é mais fácil. São companheiro. Hoje minha mulher também ganha seu dinheiro (...) Na época, não.” (Norberto, 65 anos, casado)

“Eu só casei quando eu achei que tinha condições efetivamente de sustentar sozinho a minha família. Eu queria começar quando eu não precisasse da ajuda do meu pai. Que eu morava num apartamento que ele tinha, mas toda a subsistência, eu sempre achei que era responsabilidade exclusiva minha, com relação à minha mulher meus filhos.” (Augusto, 66 anos, casado pela 2ª vez)

Então, a preocupação em arcar com o sustento da família fazia parte da idéia de constituir uma família para os homens.

É importante ressaltar que poder corresponder a um modelo de família significava também corresponder a um modelo de homem, definido socialmente como trabalhador-provedor da família. O poder de influência das instituições naquele contexto social, conforme Kaufmann (2004), fazia com que os papéis sociais instituídos exercessem forte influência sobre as identidades que se constituíam, pois, justamente em um contexto onde a influência do individualismo era ainda limitada, as individualidades se definiam em boa parte pelo que estava instituído.

Ser homem era ser provedor da família. E ser mulher?

Através dos relatos analisados, ficou evidente que naquele contexto era bem marcada a distinção dos papéis exercidos por homens e por mulheres na sociedade: aos homens, o trabalho; e às mulheres, a família.

Tradicionalmente, da mesma forma que era atribuído ao homem a função de provedor familiar, era esperado das mulheres que atuassem na vida privada exclusivamente, dedicando-se aos cuidados do lar, dos filhos e do marido (Rocha-Coutinho, 1994; Costa, 1989; Maluf & Mott, 2008). As mulheres por nós entrevistadas viveram em um tempo em que já se começava a incentivar os estudos para as mulheres. No entanto, mesmo que já houvesse um movimento de profissionalização da mulher, com a abertura dos cursos nas faculdades para alunas moças, observa-se a persistência do padrão “mulher ” nas trajetórias de vida femininas.

Pode-se ver nas falas das entrevistadas que, pela influência daquele modelo tradicional de distinção dos papéis masculinos e femininos, o ingresso da mulher na universidade e até sua entrada no mercado de trabalho muitas vezes acabava tendo um sentido secundário em suas vidas. O papel tradicionalmente atribuído à mulher - de mãe de família, que cuida dos filhos e do marido - prevalecia.

Prevalecia, por exemplo, quando se considerava os estudos como uma atividade complementar ao destino do casamento, como aponta Francisca:

“Minha família incentivava o curso superior. Eles achavam muito importante ter um curso superior. Minha irmã fez biologia. E minha irmã era estudiosa. A minha irmã não tinha essa mentalidade, não. Ela quis ser bióloga, foi bióloga, ela era estudiosa, se casou no meio da faculdade, continuou. Mas eu já era mais aquela coisa. “ah, eu quero ir pra PUC, sabe? Vou fazer história! Não me casei ainda, mas...” O que eu queria era casar. Hahahaha.” (Francisca, 65 anos, separada)

Então, o trabalho, pelo que parece, não servia, para Francisca, como um meio de ter outras opções na vida ou de contestação da divisão tradicional dos

papéis sexuais na sociedade, mas simplesmente de incrementar o seu papel mais importante: o papel de “esposa-mãe-dona de casa”.

Outra forma de afirmação do modelo de identidade e trajetória de vida “mulher mãe-esposa-dona de casa” era a não preocupação feminina com o rendimento financeiro do seu trabalho. No modelo tradicional de família, onde se atribui ao homem o sustento do lar, cabe à mulher a dependência financeira em relação ao seu marido. Portanto, não fazia parte das preocupações das mulheres o crescimento financeiro. Diante disso, para as mulheres desta geração, mesmo que já pudesse entrar para o mercado de trabalho, não se almejava ganhar dinheiro ou destinar esse ganho para os compromissos doméstico-familiares ou para a construção do patrimônio familiar.

A fala de Alda mostra claramente a relação entre a profissionalização da mulher dentro dos padrões tradicionais de família e de divisão de papéis femininos e masculinos:

“Desde criança que a minha loucura era ser professora primária. Eu tinha loucura pra ser professora. Fiz Instituto de Educação, me formei, fui trabalhar lá em Deus me livre. (...) Tudo muito longe. Mas eu adorava. Adorava o que eu fazia. E o meu pai ainda estava vivo nessa época e ele dizia assim “você tem que fazer uma faculdade.” Era o início das mulheres irem para a faculdade. Até então, muito pouca menina ia fazer faculdade. Meu pai, que sempre teve uma cabeça avançada, dizia ‘você tem que fazer alguma faculdade porque homem, se não estudar muito, vai arranjar emprego até de estivador no cais do porto, vai carregar saco. Mas mulher tem que ter mais instrução pra ter um emprego bom’. E o raciocínio dele era assim: ‘se casar bem casada, ajuda o marido. Se for mal casada, separa e você se sustenta’. Então, de qualquer maneira era bom estudar. E eu não queria, né? ‘Eu gosto de ser professora, pra que que eu vou fazer outra coisa?’. ‘Ah, mas ganha pouco’. Sempre ganhou pouco, professora. ‘Eh, mas professor ganha muito pouco!’ Eu digo: ‘É, mas eu faço o que eu gosto. Pra que que eu vou largar isso?’ Adorava as crianças e tal. E sempre foi assim.” (Alda, 65 anos, casada)

Quando a mulher de classe média começou a trabalhar fora de casa, era comum que o tipo de trabalho atribuído a ela correspondesse ao tipo de atividade que ela fazia dentro de casa, ao *savoir-faire* feminino. Na fala acima descrita, “ser professora” era o trabalho desejado por ela, uma atividade que é exatamente a continuidade do que cabe à mulher dentro de casa: cuidar das crianças.

De fato, como diversos autores apontam, a entrada da mulher no mercado de trabalho e nas universidades foi fortemente marcada pela delimitação tradicionalmente feita do universo feminino (Rocha-Coutinho, 1994; Costa, 1989; Maluf & Mott, 2008; Barros, 2009; Mello & Novais, 2010). A oposição entre masculino e feminino incorporados aos mundos do trabalho e lar continuava existindo mesmo que a mulher já pudesse ir à universidade e trabalhar.

Uma combinação particular possibilitava que as mulheres dessa geração entrassem para o mundo do trabalho sem desestruturar esse padrão. A seguinte fala, de Antônia, ilustra justamente a sutileza do ajuste entre “manutenção do modelo tradicional de papéis sexuais na família” e “entrada da mulher no mercado de trabalho”. Estudar, escolher uma profissão, podia significar um descolamento da mulher do papel tradicionalmente designado a ela, o de dona de casa. Ou então, como era o mais comum naquela época, serviria para a mulher aprimorar suas habilidades de .

“Eu sempre quis ser arquiteta. Desde pequena. Eu falei pra minha mãe que eu ia ser arquiteta. Desde pequena eu gostava de desenhar. Aí, com 15 anos, eu comecei a namorar firme um rapaz de engenharia. E o namoro ficou muito sério e... nessa época eu tava no 4º ano ginasial. E como a gente tinha resolvido se casar ele disse que eu não ia terminar a faculdade de arquitetura. Então, ao invés de fazer o científico, que eu fizesse o clássico, porque no clássico a gente aprendia línguas. E ele disse que eu, sabendo línguas, ia ajudar a ele na tradução dos livros. E, aí eu fui fazer o clássico, mas sempre revoltada porque eu queria fazer mesmo era arquitetura. Era o sonho que eu tinha. Nunca tive dúvida de arquitetura. Aí ele disse ‘você vai optar. Ou você casa, ou você faz faculdade. Ou você faz arquitetura. Eu não vou deixar você terminar a faculdade.’ Aí, eu tava muito apaixonada, né? Abri mão, fui fazer clássico. (...) Eu me lembro até

que eu falei com esse meu namorado, eu queria fazer faculdade, né? ‘Então deixa eu fazer biologia!’, eu pensei até em fazer biologia. Mas ele disse que não, que a gente ia casar, ia ter logo filho, que eu ia ser dona de casa. Então, o que que ele propôs pra mim? Eu aprendi corte e costura porque ele impôs. Corte e costura... aí voltei pra Aliança Francesa continuar estudando francês. Ele queria, assim, uma dona de casa... bem aprimorada, né? Saber cozinhar, saber falar línguas, saber costurar... tudo que eu não queria. Destesto costura! Tenho horror a costurar.” (Antônia, 63 anos, solteira)

Embora Antônia tivesse, naquela época, clareza de que queria mesmo era ser uma arquiteta, foi convencida a fazer os cursos que a tornariam uma dona-de-casa mais do que prendada. Determinados saberes eram desejáveis às mulheres. Mas o uso de tais saberes estaria restrito ao domínio do lar.

A fala de Antônia revela ainda uma característica das relações familiares na época: a autoridade do marido sobre a mulher. Maluf & Mott (2008) relatam que desde o início do século, era assegurado pelo Código Civil de 1916 a necessidade de que o marido expressasse sua autorização para que sua mulher pudesse exercer seu direito a trabalhar. Antônia reproduz esse padrão, prestando obediência àquele que seria seu futuro esposo.

Era forte o padrão social que afirmava a existência de diferentes domínios para os diferentes sexos, de modo que, para as mulheres, a entrada no mercado do trabalho não chegava a abalar a expectativa social de sua dependência em relação ao marido e de sua dedicação às atividades do lar, como se pode ver na fala de Francisca:

“(o trabalho) tinha alguma importância porque eu ganhava um dinheiro meu, um dinheirinho. Nunca foi muito porque professora, já viu. Mas o meu trabalho era em função do horário dos meninos. O mais importante eram os meninos. Então, por exemplo, se eles estudassem à tarde, eu trabalhava à tarde. Ser professora tem isso de bom, né? Eu fazia minha vida, dava aula à tarde, estudavam à tarde. Aí de manhã eu ficava por conta deles. Natação, judô, ballet, ginástica rítmica. Tudo que eles queriam. Médicos, dentistas,

aparelhos de dente. Eram eles. Eles, a casa, o marido, passadeira pra camisa do marido ficar bonitinho o colarinho. Haha. Receitas novas de bolo, de não sei o que. Vai pra cozinha, faz almoço sábado. (...) Depois os meninos passaram a estudar de manhã. Aí eu passei a trabalhar de manhã. Era muito assim. Botava eles no ônibus do colégio. Aí quando tinham 12 anos eles já iam sozinhos pro colégio. Eu controlava. Eu era assim, sabe?” (Francisca, 65 anos, separada)

Pelo mesmo motivo, Alda continuava colocando o cuidado aos filhos em primeiro lugar na sua vida, deixando o trabalho em segundo:

“Se eu tiver que abrir mão de alguma coisa... e já tive, já abri mão. Eu tive o primeiro filho e quando eu tive o segundo, o 1º tinha 1 ano e meio só. O 2º nasceu com a barriga aberta, não fechou. Fez uma cirurgia no dia que nasceu, enfim, teve uns problemas assim. Eu não tive dúvidas de parar de trabalhar. Eu digo “não... entre trabalhar e um filho que vai precisar de mim, e o outro que ainda era muito pequenininho, 1 ano e meio... eu vou parar de trabalhar.” Quer dizer, pra mim a família é muito mais importante do que a profissão. Aí tive, 2 anos depois, veio a Paulinha. E eu ainda não tava trabalhando. Mas, quando abriu a sociedade psicanalítica pra psicólogo, aí eu resolvi voltar. Aí fizeram seleção, aquela coisa toda. Quando eu comecei mesmo o curso ela já tinha 1 ano e meio mais ou menos. Já tava maiorzinha. Mas, entre a família e o trabalho, pra mim a família é fundamental.” (Alda, 65 anos, casada)

A assimetria dos papéis socialmente atribuídos a homens e mulheres torna propício o discurso de que “a família é muito mais importante que a profissão” ou que trabalho ou família seriam escolhas excludentes, para o caso das mulheres. Trata-se de um contexto social em que homem e mulher se comprometiam diferentemente com trabalho e família. Isso influencia fortemente não somente o tipo de vínculo que se formava num casal - em que a independência financeira não se destina igualmente para homens e mulheres, imaginando-se, provavelmente, que o contrato do casamento será para sempre – como também a concepção de

família que se formava – uma família em que está em jogo a adequação aos padrões, mais do que a afirmação de individualidades.

A divisão das esferas pública e privada e sua atribuição, respectivamente, aos homens e às mulheres têm raízes históricas, como já foi discutido em capítulos anteriores. O poder dos homens sobre as mulheres, sustentado pela autoridade do pai de família e pela valorização do trabalho no âmbito público em detrimento do trabalho no âmbito privado, influenciou a concepção moderna de família. Assim, diferenciava-se a identidade masculina da identidade feminina com base em discursos que afirmavam serem determinadas características naturalmente femininas e outras naturalmente masculinas. E distinguiam-se vida pública de vida privada, delimitando espaços de atuação de homens e mulheres (Rocha-Coutinho, 1994; Costa, 1989).

Não por acaso, a mulher foi vinculada ao espaço do lar, da maternidade, da reprodução. Com a distinção entre a vida pública e a vida privada e a emergência do sentimento de infância e família, como aponta Ariès (2006) e Prost & Vincent (1999), foi em torno da relação mãe-filhos que ocorreu a valorização das relações de intimidade. Foi ela quem se incumbiu de receber a criança e tornar o lar um lugar de afetividade. Por isso, em torno da vida doméstica estruturou-se a identidade da mulher moderna, cuja posição social era agora reconhecidamente importante na sociedade: o da rainha do lar.

Até este momento, a análise dos discursos apontou para o fato de que o padrão tradicional de divisão de papéis e de estruturação das identidades de gênero manteve-se vivo nos discursos das pessoas desta geração e contribuía para a estruturação de uma concepção de família centrada no casal.

6.2.2.

Casamento é para todos, para sempre e com filhos

Além da distinção estrita entre os papéis masculinos e femininos na sociedade e na família, o modelo de família centrado no casal se sustenta também por meio da institucionalização de um padrão social de trajetórias de vida pouco ou nada individualizado, segundo os termos usados por Cavalli (2003). Para as pessoas da geração mais velha, o casamento se afirmava como um destino comum na trajetória de vida de homens e mulheres. Acreditava-se que o casamento seria

para sempre, que ele renderia filhos e isto era o que se poderia esperar da vida. Apesar das críticas que já se fazia a tal modelo de trajetória de vida e de família, naquele contexto este era o padrão vigente na sociedade.

As falas de Francisca e Norberto demonstram as expectativas de eternidade dirigidas ao casamento:

“A minha geração, eu acho. Aquela coisa do príncipe encantado, beija e a princesa acorda, sabe? E foram felizes para sempre.”
(Francisca, 65 anos, separada)

“Imaginava casamento para sempre. Eu casei gostando, querendo, tanto que estamos até hoje.” (Norberto, 65 anos, casado)

“Felizes para sempre”, “casamento para sempre” eram as expectativas que comumente se tinha com relação ao casamento. Engajava-se no projeto de constituir uma família sem muito questionamento. Busca-se o que se considerava “natural” para a vida – “natural” dentro deste padrão de curso da vida que era instituído para todos.

“Ah, pensava. Sempre. Eu achava que eu devia ter (uma família) (...) Porque eu achava, eu fui educado assim, e achava que você pra ter uma... pra ter uma continuação. O casamento seria com filhos, etc, seria uma coisa organizada e parecia ser muito bom. Nunca achei que casamento seria ruim.” (Norberto, 65 anos, casado)

Ter uma família, casando-se, tendo filhos, tratava-se, justamente, de um padrão social que se impunha sobre todos muito fortemente. A idéia de continuidade de valores permeava este projeto. Trata-se de um padrão de família que se reproduzia, bem como um padrão de trajetória de vida, onde o casamento era esperado como forma de iniciar uma vida familiar.

Nesse contexto, o discurso do amor, da afinidade entre os cônjuges, acaba por alimentar este modelo, como se pode ver:

“A gente sente que encontrou uma pessoa que tinha muita afinidade e gostava de estar junto. Já tínhamos possibilidades. Tinha apartamento, tinha tudo, então era a hora. A hora a gente sente. (...) A gente vê naturalmente. Não é esforço nenhum. Quando você sente a coisa assim... quando você começa a achar que é esforço, tem alguma coisa errada. Mas quando vem natural é ótimo. E é gostoso.”
(Norberto, 65 anos, casado)

Mas, afinal, será que o fato de se amar alguém leva “naturalmente” ao casamento? Por que as pessoas que se amam devem se casar? Ora, o argumento do amor e da afinidade pode sustentar uma atitude exatamente inversa: a de não se casar, não institucionalizar uma relação em que o sentimento seria o mais importante. O que se pode ver, portanto, é que não há nada de “natural” em imaginar-se casando e tendo filhos. Esta suposta “naturalidade” se deve, antes, à força que o padrão social de família e de seu lugar na trajetória de vida exercia sobre os indivíduos.

Conceber casamento e constituição de uma família como algo “natural”, “automático”, mostra que se casar e ter filhos fazia parte dos horizontes das pessoas, homens e mulheres, por condizer com um modelo socialmente produzido. Estão nas falas de Augusto e Gilda justamente as marcas da incorporação de tal padrão social pelos indivíduos desta geração a tal padrão social:

“E na época, era uma época que você tinha isso quase que como um padrão. Casar, ter filhos, se realizar em termos profissional. Mas não foi nada que eu me sentisse infeliz, não. Pra mim foi uma coisa que veio naturalmente. Um processo natural. Não precisava ter muitos planos pra isso, entendeu?” (Augusto, 66 anos, casado pela 2ª vez)

“... sei lá se isso é inerente à mulher e ao jovem, mas eu sempre quis ter uma família. Eu queria me casar, ter filhos. (...) Eu nem sei se naquela época a gente pensava em algum significado. Eu achava que (casar e ter filhos) era uma coisa meio automática. No meu caso, acabei o clássico. Eu já namorava o meu namorado, o meu marido,

há 5 anos. Ele era amigo do meu irmão de colégio. Foi criado comigo. Foi meu 1º namorado. Eu não tive nenhum namorado antes dele. A minha vida foi muito depois. Eu comecei a viver como mulher muito depois que eu fiquei viúva. Porque foi meu primeiro namorado. Namoramos 6, 7 anos. Casei. Não conheci mais ninguém. (...) Sei lá, como se aquilo fosse embutido, que eu tinha que me casar. E aquele era o rapaz, todo mundo conhecia. Nem apaixonada por ele eu era. Gostava muito. Talvez eu era mais amiga do que... só fui ver isso depois... Então, eu me casei porque achava que era uma consequência de vida. Chegava naquela idade. A única coisa que eu queria, e eu queria ter filho logo.” (Gilda, 65 anos, separada)

A naturalização de um modelo de família que se inicia com o casamento baseia-se na naturalização de um padrão de trajetórias de vida. O modelo de família se sustenta por um modelo de trajetória de vida. Então, automatismos na conduta da vida demonstram a força exercida pelos padrões sociais sobre as pessoas, sobre suas decisões nas suas vidas.

Por isso, entende-se que Elias, embora não tivesse a intenção de corresponder aos padrões sociais da época, tenha acabado se casando. Ele se deixou levar pela sociedade, sem que pudesse ter um projeto de vida individual diferente do que era imposto pela cultura vigente:

“Eu não pensava em casar. De jeito nenhum. Nunca passou pela minha cabeça casar. (...) Casamento era prisão. Casamento é prisão. Eu detestava. Quer dizer, já tinha, eu não tinha muita consciência ainda, mas era prisão. E eu tinha medo do compromisso. Da prisão emocional (...) E aí, quando eu vi, eu tava casando. Mas o meu casamento, pra mim mesmo, eu não tava acreditando. Mas eu não sabia dizer não. Fui me deixando levar pela família, pela sociedade, todo mundo casando, meus amigos casando. E eu não tinha a menor... mas eu não tinha a menor nada pra casamento, pra família. (...) Na verdade eu tentei casar mais em função da sociedade. Porque naquela época, era o seguinte, os projetos de vida na época era uma profissão e uma família. A mulher tinha que casar. Não existia essa opção pela

tua vida, pelo teu projeto individual. A sociedade impunha e a gente ficava preso à cultura vigente mesmo. Era muito difícil. Depois que veio toda uma rebelião, toda uma insatisfação, ‘e as liberdades individuais, como que fica?’ (Elias, 65 anos, separado)

Da mesma forma, a influência dos padrões sociais na determinação dos destinos das pessoas pode ser vista na fala de Francisca, logo abaixo. Ela explica que lhe foram transmitidos, na educação recebida de seus pais, valores tradicionais relacionados ao papel da mulher na família e à importância da família na identidade da mulher, os quais continuaram a pesar muito em suas escolhas - e na de suas amigas -, mesmo quando foi para a universidade. Ir à universidade naquela época representava um passo à frente no processo de emancipação e de abertura de possibilidades de vida para a mulher. Mas, mesmo assim, pesava muito o modelo da família para as mulheres.

“A gente era criada nessa geração lendo ‘Carmem da Silva’ na revista ‘Cláudia’. ‘A mulher tem que ficar bonitinha pro marido chegar’. ‘Ah, eu vou fazer faculdade enquanto não me casar’, porque se eu tivesse me casado eu não teria feito faculdade. Inclusive várias colegas minhas que são minhas amigas até hoje se casaram no meio da faculdade e pararam. Pararam de estudar. Quer dizer, eu poderia não ter absorvido tanto essa coisa, mas eu absorvi.” (Francisca, 65 anos, separada)

As falas de Francisca e de Elias são próximas no que diz respeito à força dos padrões sociais em suas escolhas. Ela diz que poderia não ter absorvido tanto os valores tradicionais, mas isso aconteceu. Ele diz que “*não queria se casar, mas acabou se casando*”. Trata-se da institucionalização de um modelo de trajetória de vida onde não havia muitas escapatórias para as individualidades (Cavalli, 2003).

Embora já se começasse a questionar os horizontes que as tradições sociais estabeleciam para os indivíduos, as pessoas desta geração foram fortemente influenciadas pelo que tinham como modelo social instituído. Então, como se pode ver na fala de Alda, era possível questionar os horizontes que os padrões

sociais apresentavam aos indivíduos, mas esse questionamento era bastante ambivalente, como se pode ver:

“Então, quando a gente começou a namorar e tal ‘Vamos casar? Vamos’, mas eu tinha uma insegurança enorme com essa história de casamento, sabe? Porque eu pensei ‘e se eu enjoar?’ Já tinha acontecido antes, né? ‘Se eu enjoar, como que eu faço? Separo. Eu não vou ficar suportando uma relação ruim se eu posso me separar’. Então, essa história de ‘casamento é pra sempre’ não era da minha cabeça. Se um de nós não aguentar, a gente vai se separar mesmo. (...) Isso eu sempre pensei, que ia ficar velha junto com o meu marido.” (Alda, 65 anos, casada)

Alda começa dizendo que “essa história de ‘casamento é pra sempre’ não era da minha cabeça”, mas termina afirmando que “isso eu sempre pensei, que eu ia ficar velha junto com meu marido”. Essa visão ambivalente, essa contradição, pode denotar uma fase de mudança de valores por que essa geração passou, caracterizada pela coexistência de referências contraditórias, pressionando a favor da mudança e da permanência de valores ao mesmo tempo.

Instituído também estava o padrão de família que Singly (2007) chama “família moderna 1”, ou “família feliz”. Esta é uma configuração muito próxima daquilo que se tem na 1ª modernidade, conforme o autor. Incutia-se nas mentes de todos que família era um espaço de realização afetiva para todos e que todos deveriam se casar.

Da mesma maneira, o padrão social afirmava que, seguindo ao casamento, deveriam vir os filhos, que eram considerados muito importantes na família, afinal foi em torno deles que nasceu o sentimento da família (Ariès, 2006).

Nos discursos por nós analisados, a importância dos filhos na família foi referida, seja como uma forma de se dar continuidade ao modelo de família mais comum, como um elo entre diferentes gerações, ou como “ter espírito de família”. Filhos faziam parte da concepção de família desta geração, como se pode ver nas falas dos homens abaixo:

“Ah, pensava (em ter filhos). Sempre. Eu achava que eu devia ter. (...) Porque eu achava, eu fui educado assim, e achava que você, pra ter uma... pra ter uma continuação..., o casamento seria com filhos, etc, seria uma coisa organizada. E parecia ser muito bom. Nunca achei que casamento seria ruim.” (Norberto, 65 anos, casado)

“Acho que em termos de continuidade mesmo. Eu acho que... Tem a ver muito com prezar o nome. E você deixar novas... Deixar descendentes, mesmo. Acho que nesse aspecto dos descendentes, isso é legal. A gente só vai morrer se ninguém mais lembrar da gente. Então, de repente, quanto mais família a gente for, mais tempo a gente vai viver, nesse aspecto, entendeu?” (Augusto, 66 anos, casado)

“C: Qual você acha que era a importância de filhos pra você?”

S: Família! Você ter uma família. Eu acho uma coisa hoje em dia, na época a gente não pensa muito nisso, porque a gente tá mais moço, não pensa tanto nessas coisas. Mas, na época eu pensava exatamente em ter uma família, relativamente pequena, mas que pudesse ser criada com... bem criada, com conforto, com bons colégios, tudo direitinho.” (Sérgio, 69 anos, casado pela 2ª vez)

Neste outro trecho, Sérgio relaciona “espírito de família” ao cuidado dirigido aos filhos. O “espírito de família”, segundo ele, é justamente a atitude de cuidar da educação dos filhos, cuidando para que se tornassem pessoas instruídas e bem criadas. Em suas palavras, observa-se que, por trás do cuidado para com os filhos está o casal, unido, se responsabilizando pela excelência da criação oferecida aos filhos.

“A família, enquanto as crianças são pequenas e tudo, você procura, pelo menos, dar as coisas a sua família, ter uma casa boa, dar bons colégios, etc e tal. Na realidade, se você põe as pessoas no mundo, como muita gente faz aí também, e larga pra lá. Quer dizer, cada um se vira como pode. Não é assim. Não é assim. A vida não é assim. Aí vai ser tudo marginal, não estudam, não querem saber de nada, não

trabalham, vai ser vagabundo. Aí a coisa complica. A gente vê tanto hoje coisas assim. Tanta gente sem rumo na vida. É justamente por isso. Os pais não tinham esse espírito de... espírito de família. Isso eu chamo de 'espírito de família'. Porque, põe os filhos no mundo e larga pra lá. Não vai ver se o filho tá no colégio, se não tá, se tá fumando maconha, se não tá. Não querem saber de nada. Então... aí realmente... porque as pessoas, quando são novas, não têm essa orientação. Alguém tem que dizer, orientar, mostrar com atitudes, com palavras mesmo ou exemplos. As coisas só se constroem assim. Se largar todo mundo pra lá, como fazem hoje a maioria dos casais, aí separa tudo, vai cada um prum lado. Larga os filhos com a avó, não sei mais quem. Não é a mesma coisa. É muito diferente. Aí acontecem essas coisas que a gente vê no jornal todo dia. E sabe de casos também, né?" (Sérgio, 69 anos, casado pela 2ª vez)

Na fala das mulheres, filhos também eram desejados, após o casamento. Segundo o padrão de família da época, imaginavam-se filhos dentro do casamento e também que os casamentos deveriam ser seguidos do nascimento de filhos. Isso era transmitido de geração a geração. O centro da família era o casal e os filhos eram esperados para compor o que se entendia como família.

"O sonho se realizou. Tive 3 filhos (...) Rapidamente. Tive a Ana... 3 filhos. O Lucas é o único homem. Ana, Lucas e Maria. A Maria é 1 ano e meio mais nova que o Lucas. E a Ana é 3 anos mais velha que o Lucas. Eu tenho foto dos 3 aqui. Já tá meio antiquinha, mas ainda estão aqui." (Francisca, 65 anos, separada)

"Porque eu gosto de filho. Eu gosto de família. Eu acho que filho, se vc (...) Eu adorava ter filho. Não sei. A mamãe que dizia que eu brincava de boneca, desde menina eu cuidava das bonecas. A minha irmã tinha horror a boneca. A minha irmã abortou 3 vezes, teve 3 filhos e ainda tinha que evitar porque se ela passasse embaixo da cueca do marido, engravidava. Você vê. E ela não tinha a paciência que eu tinha. Ela namorou à beça. Foi casar muito depois. Eu achava,

não sei... Eu tinha mania de ter filho. Queria ter filhos. E não tive. E adotei. É meu filho. E não adotei mais realmente por isso que eu já te expliquei, né? (Gilda, 65 anos, separada)

Para Alda, a dificuldade em engravidar ameaçava o seu sonho de formar uma família, que pressupunha a existência do marido e também de filhos, como se pode ver:

“A gente teve uma dificuldade de engravidar absolutamente emocional. Já tinha feito todos os exames, não tinha problema nenhum, mas não conseguia engravidar. Então, me dava aquela agonia, assim, de pensar ‘ah, meu Deus, eu nunca vou ter um filho. Nunca vou ter um filho. E a minha vida vai ser um inferno porque a gente vai ficar velho junto’. Isso eu sempre pensei, que ia ficar velha junto com o meu marido. Mas só nós dois no mundo, sem filho? Isso, porque... foi a grande fossa típica do meu tempo, grande fossa dos 30 anos. Com 30 anos eu não tinha 1 filho. Aí, bom, com 31 eu já tinha. Mas era aquela ansiedade. ‘Não vou conseguir’. Aí, quando eu consegui engravidar, eu digo ‘bom, agora tô velha pra ter filho, pra ter o 1º filho com 31. Então, vou ter todos juntos, rápido.’ Então, eu tive 1 com 31, outro com 33, outro com 35. A M com 35. Tive os 3 assim rapidinho.” (Alda, 65 anos, casada)

Portanto, além do casamento, filhos compunham o ideal de família para esta geração. Dedicar-se ao cuidado dos filhos equivalia a ter “espírito de família”. Mas tudo dependia primeiro da existência de um núcleo familiar, o casal.

As expectativas das pessoas dessa geração a respeito da família refletem o espírito de sua época (Mannheim, 1982). A modernização da sociedade brasileira naqueles anos aos quais os entrevistados desta geração se referiam favorecia o surgimento de uma afetividade ligada ao mundo da família. A divisão bem marcada dos papéis femininos e masculinos na sociedade e na família e a expectativa de eternidade dos laços conjugais propiciavam que se constituísse

uma concepção de família que tinha no seu centro o casal (Maluf & Mott, 2008; Mello & Novais, 2010; Sevcenko, 2008).

Nesse contexto, a distinção de modelos de trajetórias de vida para homens e mulheres decorre da institucionalização de papéis sociais distintos para homens e mulheres. Uma forte padronização da vida propiciava a homens e a mulheres a expectativa em corresponder às normas socialmente estabelecidas (Cavalli, 2003). A modalidade de individualismo que aí se instaura é de um tipo ainda limitado, considerando o que se entende por individualismo na contemporaneidade (Bauman, 2008; Giddens, 1993, 2002; Hall, 2001; Maffesolli, 1987). Assim, o tipo de laço social fundado pode explicar o pouco questionamento dos padrões socialmente impostos aos indivíduos.

Conforme Paugam (2009), o laço social se exprime pela solidariedade fundada entre os membros da sociedade, que legitima o desejo de se viver em sociedade, a busca pela coesão da sociedade. Na configuração social moderna a modalidade de solidariedade social que se constitui – a solidariedade orgânica – leva ao estabelecimento de um tipo de laço social marcado pela interdependência de funções atribuídas aos indivíduos. Assim, embora se admita um nível de individualização e de diferenciação entre as pessoas, concebe-se uma ligação profunda entre todos em razão da complementaridade de suas funções. Isso explica como a distinção dos papéis femininos e masculinos acaba proporcionando a formação de um tipo de laço social que sustenta o modelo de família de que tratamos até este momento.

Os diferentes tipos de vínculos sociais apresentados por Paugam (2009) – vínculo de filiação, de participação eletiva, de participação orgânica e de cidadania – propiciam diferentes possibilidades para que os indivíduos definam seus pertencimentos. Isso pode ser interessante para se compreender o tipo de engajamento dos indivíduos no projeto de constituir família.

Embora para esses entrevistados as relações amorosas, que sustentam a concepção de família moderna, sejam de um tipo de vinculação eletiva, isto é, escolhidas pelas pessoas e não impostas, elas têm uma relação direta com outras formas de vinculação de cada sociedade. O valor social atribuído ao casamento e à procriação, à família como um todo, não se estabelece independentemente das outras formas de vinculação social possíveis. Por isso, os planos dos indivíduos de

formar uma família, casar-se, ter filhos, estão ligados às funções atribuídas a estes vínculos na sociedade.

Pelo que se pode observar através dos discursos analisados, o vínculo familiar era muito valorizado no contexto trazido por suas narrativas. Uma forte padronização das trajetórias de vida dos indivíduos fazia da família um espaço de realização de homens e mulheres. Nesse sentido, lançar-se “automaticamente”, “naturalmente” ao projeto de constituir uma família indica a centralidade dos vínculos familiares na sociedade naquele contexto, de modo que o pouco questionamento daquele padrão instituído pode ser atribuído ao tipo de laço social fundado.

6.3.

Abalando os padrões

A análise dos discursos das pessoas da geração mais velha apontou, além de uma forte padronização das trajetórias de vida dos indivíduos e da afirmação do modelo de família conjugal moderna, a emergência de questionamentos sobre valores, comportamentos, normas sociais, instituições, etc. O movimento contra a ditadura no Brasil acabou gerando uma intensa mobilização e participação da população em causas políticas, o que, segundo Almeida & Weis (2010), se desdobrou na invasão da vida familiar por assuntos ligados à política, ou seja, na politização da vida doméstica. Assim, num contexto de aprofundamento do processo de modernização das cidades brasileiras, tornava-se propícia a indagação de práticas tradicionalistas e conservadoras, contrárias à lógica moderna, que persistiam na sociedade.

No que diz respeito às mudanças no laço social, pode-se dizer que a penetração de valores individualistas na sociedade brasileira, parte inevitável do processo de modernização brasileira, levou a uma diminuição do grau de submissão do indivíduo às convenções sociais. Isso pode se explicar pelo surgimento do movimento de contestação dos padrões socialmente impostos. Naquele contexto social, os diversos questionamentos políticos refletiam e ao mesmo tempo alimentavam uma mudança no laço social. Conforme Elias (1994), uma maior possibilidade de individualização nas sociedades reflete na balança Eu-Nós do laço social. Forte institucionalização na sociedade pressupõe uma maior

ênfase ao elemento “Nós” da balança, enquanto que a individualização faz os ponteiros penderem mais para o “Eu”.

Tudo isso repercutiu nas formas de engajamento dos indivíduos em seus percursos de vida e na importância reservada às relações familiares. Pondo sob questionamento os automatismos, a naturalidade com que até então homens e mulheres conduziam seus destinos, abriam-se caminhos para que se iniciasse o processo de individualização das trajetórias de vida e, conseqüentemente, de descentralização do casal na concepção de família.

6.3.1.

Questionamento dos padrões

Como se pode ver nas falas de Elias e Alda, a politização da vida privada levava justamente ao questionamento e à desnaturalização dos padrões sociais:

“A nossa geração foi muito intelectual. A gente questionava tudo. Tudo era discutido à exaustão. Ao contrário de hoje. (...) O processo era de questionamentos políticos, quebra de ditadura, visão democrática, consolidação de instituições. Toda essa coisa social, entendeu? Questão de casamento. Se casava e ficava infeliz no casamento? Por que não se separava? Por que isso? Por que aquilo? Por que que mulher não trabalhava? Eram questionamentos, uma base de questionamentos o tempo todo. Tudo era questionado, inclusive a questão religiosa. (...) era um preconceito da nossa geração também.”(Elias, 65 anos, separado)

“Era o que eu costumava dizer na época: ‘é ditadura no Brasil e é ditadura dentro de casa. Eu não aguento. Uma eu posso me livrar. A outra eu não posso, né?’ E ia a movimento estudantil, ia a passeata, ia a tudo. Então, eu resolvi que ia sair de casa, né?” (Alda, 65 anos, casada)

A atitude questionadora e contestadora de algumas pessoas desta geração abriu espaço para que ocorressem transformações significativas nos padrões

sociais de uma forma geral, entre eles aqueles padrões relacionados à forma com que a vida familiar se constituía, tendo como centro o casal e a divisão dos papéis sexuais dentro de casa e na sociedade. O casamento seguido do nascimento dos filhos era um padrão tradicional de família instituído e naturalizado no Brasil através do discurso higienista no início e meados do século XX. Como afirmam Mello & Novais (2010), Rocha-Coutinho (1994), Costa (1989), Maluf & Mott (2008), tratava-se de um padrão que reproduzia em muitos sentidos uma postura contrária ao valor da igualdade e aos princípios da modernidade e que foi, portanto, combatido à medida que a individualização da sociedade avançava.

Então, pode-se dizer que os questionamentos vividos nesta época representavam uma revisão dos valores sociais e resultariam no reposicionamento dos sujeitos frente aos costumes tradicionais.

6.3.2.

Divórcio

Numa época em que as expectativas em relação ao casamento ainda eram a de que durassem “para sempre”, algumas pessoas dessa geração viveram a experiência do divórcio.

“Ah, eu esperava (que o casamento durasse para sempre), sim. Esperava. Mas depois a situação começou a ficar num ponto tal que não dava mais. Então, a gente resolveu se separar, cada um tomou seu rumo.” (Sérgio, 69 anos, casado pela 2ª vez)

Tratava-se do início da escalada de uma nova realidade. Como muitos autores e estatísticas demonstram, desde os anos 1970, sobretudo a partir dos anos 1980, houve um enorme aumento no número de casamentos que acabaram em divórcio (Berquó, 1989; Jablonski, 1998; Singly, 2007; Segalen, 2008).

Como demonstram as falas de alguns dos nossos entrevistados, o acontecimento do divórcio naquela época sinalizava mais do que o fim inesperado de um relacionamento. Caía por terra também um modelo de casamento e de família e de um padrão de trajetória de vida.

“Nos separamos. Fomos uns dos primeiros, nem tinha divórcio. O divórcio veio naquela época. Fomos um dos primeiros casais a divorciar, o que é outro problema. A gente não tava preparado nem pra casar, nem pra se separar. A sociedade... Você só podia ser considerado uma pessoa feliz se fosse casado, se tivesse família. Se não, você era um... marginal como outro qualquer. Desquitado. Mulher, então, pior ainda. Era puta. Mulher que separava, não serve. Entendeu? Era muito rígido. Antigamente a coisa era muito complicada. Mas nós nos separamos e eu vim pro Rio.” (Elias, 65 anos, separado)

“Então, quando aconteceu essa coisa (a separação), tinha literalmente tirado o meu chão. Aí eu fiquei péssima, descobrindo que havia maldade no mundo. Como é que eu vou fazer sem o marido do lado? Como é que eu vou crescer? E agora?(...) Como que eu vou... Existe esse lado da vida? Existe esse lado de eu ficar sozinha? Como que é? Com 3 crianças? Pré adolescentes, que depois adoleceram? Que depois começaram a sair, começaram a namorar, e eu sozinha? Como é que é essa história? Né? Ninguém me ensinou. Não existe escola pra isso. Né? (...) Aí me deixou completamente desarmada. Eu não tava nunca preparada pra separação. Por toda a minha criação e inclusive porque o meu casamento era bom. Não era perfeito, mas era bom.” (Francisca, 65 anos, separada)

“A gente não estava preparado pra se separar”, “tiraram o meu chão” são trechos que indicam que a separação era vivida como uma ruptura no padrão de trajetória de vida baseado no modelo de “casamento para sempre”. Num contexto em que se esperava que os casamentos durassem até a morte, o seu fim colocava em questão muitas outras coisas que se pressupunha ser verdade, como, por exemplo, que era impossível ser feliz sem ser casado (a), que mulher divorciada era moralmente desqualificada, que criar três crianças sem um marido ao lado não era uma realidade possível dentre outras.

O casamento, como aponta Segalen (2008), era a forma socialmente legítima de se fundar uma família neste contexto. E era também um importante marcador nas trajetórias de vida de homens e mulheres, que almejavam ocupar suas posições na sociedade conforme o que era instituído: ser provedor da família, no caso dos homens, e rainha do lar, no caso das mulheres. E juntos fundariam uma família.

Deste modo, o advento do divórcio pode ser considerado como um elemento desestruturador da concepção de família “centrada no casal”, relacionado também com o surgimento de novas possibilidades de trajetórias de vida para homens e para mulheres.

De fato, parece ser unanimidade entre os estudiosos da família a importância do divórcio como evento fundamental para as “turbulências” que alcançaram o âmbito da família neste fim de século XX. Ele colocou em xeque as bases da combinação conjugal que sustentava a concepção de família.

Mas o advento do divórcio aconteceu dentro de uma conjuntura associada também a outras transformações: ao igualitarismo das relações, decorrente da queda do poder do patriarca sobre seus entes familiares; à escolarização da mulher e sua marcha em direção ao mercado de trabalho e à independência financeira; ao declínio do padrão “mulher dona-de-casa” X “homem provedor”; à escalada de valores como autonomia e emancipação do indivíduo na sociedade; à preservação e reivindicação da individualidade nas relações; ao aumento da expectativa de vida; aos avanços da medicina e outras ciências, que permitem que se desfrute de atributos da juventude até idades mais avançadas; e às diferentes expectativas direcionadas à vida do casal – tudo isso contribuiu para que divórcios acontecessem (Jablonski, 1998; Rocha-Coutinho, 2006; Singly, 2007; Segalen, 2008; Lash, 1991; Sarti, 1995).

Portanto, o que se observa é que, já naquele contexto, anunciava-se uma transformação muito importante na sociedade, apontando em direção à individualização da sociedade e da família e à despadronização das trajetórias de vida tanto para os homens como para as mulheres (Cavalli, 2003).

A crescente perda de sentido do ideal da “família feliz” e da idéia de “até que a morte nos separe”, a possibilidade de um dia poder romper – ou ver rompido – o casamento – tudo isso mudava por completo o sentido do vínculo conjugal. Enquanto até a primeira metade do século XX casar-se significava ter

filhos e constituir família, a partir dos anos 1960, 1970, 1980, até hoje, as pessoas passaram a esperar mais de um casamento. Além de filhos, esperam encontrar paixão, felicidade, realização pessoal, cumplicidade e companheirismo (Jablonski, 2009).

A fala de Gilda explicita justamente um posicionamento contrário a esse de casar-se simplesmente para seguir os padrões sociais, como se pode ver:

“Aí, pra casar tem que gostar, né? (...) Não ia casar também com qualquer um. Casar por casar, isso eu nunca quis. Eu prefiro ficar solteira. Olha, a maioria das pessoas, muita gente casa pra não ficar solteira. Mas isso aí eu nunca quis. Pra mim, pra eu casar, teria que gostar muito. E teria que ser uma pessoa muito legal. Qualquer um, eu prefiro ficar sozinha.”(Gilda, 63 anos, solteira)

A reivindicação do amor no casamento pode ser entendida como uma tentativa de oposição à idéia do casamento como um padrão socialmente imposto, a ser seguido automaticamente pelas pessoas. Encontrar no amor uma razão pra se casar é ter uma razão essencialmente pessoal para se casar, o oposto de tomar a decisão de se casar em função de um modelo social, sem que os indivíduos tivessem a possibilidade de escolher seus próprios destinos.

Então, o argumento do amor aponta uma ampliação no horizonte de possibilidades dos indivíduos. Indica que, apesar do padrão de família e de trajetória de vida da época, o indivíduo vai considerar seus sentimentos pra decidir se quer se casar ou não. Este novo posicionamento está relacionado à valorização da singularidade do indivíduo e à centralidade do parceiro amoroso para a legitimação do “eu” (Féres-Carneiro e Magalhães, 2003).

Como afirma Kaufmann (2007a), o amor apaixonado, sentimento a ser revelado, está relacionado à afirmação de um “eu” autêntico na relação conjugal. Como lembra Diehl (2002), esse sentimento desestabilizou o modelo de casal calcado na assimetria dos gêneros e reposicionou homens e mulheres na dinâmica da conjugalidade. Portanto, isso reflete uma mudança na lógica de vinculação social, onde, mais o individualismo se afirma dentre os valores da sociedade, mais aumentam as possibilidades de escolha dos indivíduos.

6.3.3.

Escolhas

Afirmam autores como Segalen (2008), Kaufmann (2007a), Singly (2007) que o casamento vem se tornando uma realidade cada vez menos institucionalizada. Afirmam Cavalli (2003) que o curso da vida vem também se tornando menos padronizado. Abre-se aos indivíduos possibilidades de escolhas em suas vidas.

Nas falas de Alfredo e Alda, pode-se ver que a decisão do casamento se fez a partir de uma reflexão individual, entre dois indivíduos. Para ele, o importante era o estar junto, embora depois eles tivessem oficializado a relação segundo as normas sociais, como se pode ver:

“Eu não tava pensando muito em casamento, mas em ficar junto. Depois, naturalmente, começamos a pensar. Porque, modernamente, o casamento às vezes é um detalhe que vem com os filhos, mas naquela época, não. Na verdade pouca gente vivia junto sem compromisso assinado. E aí, resolvemos nos casar, mas já tendo morado juntos um tempo.” (Alfredo, 67 anos, casado)

Para Alda, a decisão do casamento foi tomada porque ela queria viver junto com o namorado num momento em que ela queria ter sua própria vida. Ela tinha o sonho de entrar na igreja de véu e grinalda, um padrão da época, mas este seria um ritual investido de significados inteiramente pessoais, como se pode ver logo abaixo:

“Aquele sonho de entrar na igreja, de véu e grinalda, eu tinha. Embora não tivesse religião nenhuma, mas pra mim aquilo era uma festa (...) Então, eu pensava na época que era muito bom poder viver com ele, porque a vida na casa da minha mãe tinha se transformado num inferno completo. Então, era muito bom eu estar livre, dona da minha vida, dona da minha casa, com a pessoa que eu gostava.” (Alda, 65 anos, casada)

Da mesma forma, a decisão de ter filhos pode ser reflexiva. Para Alfredo e Alda, ter filhos não era uma consequência automática do casamento, não estava relacionado ao desejo de corresponder a algum padrão familiar, mas decorria do desejo individual de passar pela maternidade ou paternidade. Admitindo a possibilidade de o casamento não dar certo, eles passaram por uma fase de ajustamento da vida conjugal para, então, ter filhos. Eles entendiam que, para que tivessem filhos, era necessário consolidar a relação conjugal, vislumbrar uma relação duradoura. Assim, os filhos poderiam entrar em suas vidas.

“Porque enquanto tava no início a gente, tanto eu quanto ele, tinha muito medo de ter filho e não se encaixar. Que a gente tava brigando, tava brigando, tava brigando. ‘bom, se a gente se separa com um filho, vai ser mais um problema pra pensar’. Quando a gente chegou à conclusão ‘não, é isso que a gente quer, a gente quer estar junto’, a gente já tava com 3 anos de casados. Aí eu não conseguia engravidar. Parei de tomar pílula e não conseguia engravidar de jeito nenhum, de jeito nenhum. Até que eu engravidei. A gente já tava casado há 6 anos quando eu tive o primeiro filho. E aí foi, e a gente viveu felizes para sempre. Haha.” (Alda, 65 anos, casada)

Ao que parece, Alda, ainda que discretamente, estava referida ao padrão de família “centrada no casal”. A idéia de “viver felizes para sempre” se realizou com o nascimento dos filhos, após um período de ajustes e consolidação do compromisso conjugal. Mas o que é diferente na sua fala em comparação com as de outras mulheres é a possibilidade de escolha de permanecer casada ou não, de ter ou não filhos.

“A gente queria casar, casamos, levamos 5 anos sem ter filhos. Não queríamos, porque a nossa sensação era de que filho não deve manter um casamento. Filho é uma consequência do casamento. E a gente tinha uma noção de que no casamento a gente ia ainda se conhecer durante um período, né? Não é se escolher pra casar. Depois se reescolher depois que casa pra ver se quer continuar casado. Tivemos umas crises de escolha, tivemos quase separados por um período

pequeno, depois chegamos à conclusão de que era isso mesmo que nós queríamos. Aí nós quisemos filhos.” (Alfredo, 67 anos, casado)

Desta forma, já se pode vislumbrar uma transformação da concepção de família centrada no casal. A decisão de ter filhos foi tomada tendo como parâmetros a estabilidade do casal, mas aí já existe a possibilidade imaginada do casal “não se acertar” e não seguir existindo “para sempre”. Nesse caso, os filhos não seriam desejados, pois se tornariam um vínculo indesejável entre eles. Na fala de Alfredo, embora quando ele diz que “filho é uma consequência do casamento” estejam implícitos valores da concepção de família que tem como centro o casal, já aponta para um certo distanciamento do modelo de família da época, com a introdução da possibilidade de “escolha” dos indivíduos sobre suas vidas.

Já a fala de Antônio nos mostra outra opção possível: a escolha por não se casar e não ter filhos. Mesmo que o padrão social destinasse a mulher a se casar e ser dona-de-casa, ela não se obrigou a casar:

“É, quando eu tinha 20 anos que a minha mãe morreu, né? Eu tava noiva, do 2º noivo. Já tava noiva de outro. Fiquei noiva de um médico. Mas, eu acho que eu fiquei noiva mais assim pra ter um apoio. Que a minha mãe tava com câncer, tudo, já tava mesmo pra morrer. Mas eu não gostava dele, não. Terminei. Eu também não quis casar com ele. (...) O outro (noivo), eu era muito nova. Eu tinha 15 anos, 16. E eu comecei a achar que eu tava muito nova ainda pra casar. Então, eu terminei. Naquela época eu tava cheia de pretendentes. Tinha uma porção de rapazes interessados em mim. Aí eu tava me achando o máximo. ‘Eu, ficar presa a um homem só? Não’. Queria namorar uma porção. (...) E eu namorei bastante. Mudava pra um, pra outro, até que eu fiquei noiva desse médico. Com 18 anos eu fiquei noiva, mas também não quis ficar com ele, não. Quis continuar namorando. (...) Eu não gostava dele. Ele era ótimo, apaixonadíssimo por mim. Uma família ótima de São Paulo. Mas eu não gostava dele. Não gostava mesmo. Aí, pra casar tem que gostar, né?”

“Queria outra coisa. Eu queria namorar e conhecer outras coisas. Eu acho que no fundo eu não queria ser aquela dona-de-casa que ele (um

de seus namorados) *tava pretendendo que eu fosse. Eu fiquei meio revoltada.*” (Antônia, 63 anos, solteira)

A idéia de que “pra casar tem que gostar” explicita essa outra lógica das relações familiares que esta geração fez surgir, dentro da qual o casamento deixava de acontecer de forma automática, padronizada, realizando-se como consequência de desejos e interesses individuais, uma possibilidade entre outras para os indivíduos.

Uma outra escolha que se abre aos indivíduos com a escalada do individualismo na sociedade diz respeito ao trabalho para as mulheres. Esta é uma transformação muito significativa, pois acredita-se que as transformações das relações familiares nas últimas décadas estão estreitamente ligadas às mudanças ocorridas na relação entre família e trabalho. Lúcia diz o seguinte:

“Pra você ter uma idéia, eu to com 65 anos feitos agora. Eu saí de casa com 19 num Rio de Janeiro que mulher que saísse de casa era puta. Saí por várias razões, mas eu já me sustentava de alguma forma. Provavelmente... na minha família, por exemplo, nós somos 5. Eu sou a mais velha, todos saíram de casa pra casar. Eu saí cedo pra trabalhar e tentar ajudar minha mãe porque a gente tinha muita dificuldade. Não sei se muita, mas pra minha mãe era muita. Ela fazia disso um..., né? (...) Então, acho que uma das coisas que ... foi realmente querer ter o meu próprio sustento, poder não ter aquela condição, de viver preocupada com aquilo e poder inclusive ajudá-los se fosse o caso. (...) Nunca passou pela minha cabeça que as pessoas não estudassem ou fizessem universidade. Pra mim, todos, é obrigatório, assim como é obrigatório você ficar adulto, é obrigatório você estudar. Não passava pela minha cabeça não trabalhar. Então, o compromisso com o social, você realizar alguma coisa no mundo é muito importante. Então, nunca passou pela minha cabeça, nem pelos meus desejos, ter filhos, ter família, casar. Eu nunca casei. Então, não é que fosse “ah, isso é péssimo”, não. Não é péssimo. Apenas eu não penso nisso. E aí a vida foi conduzindo de uma forma...” (Lúcia, 65 anos, casada)

Colocar o trabalho no centro da vida de uma mulher só é possível quando se tem reconhecido socialmente e subjetivamente seu direito de escolha, pois, como afirmam diversos autores, desejo de trabalhar, desejo de reconhecimento profissional, desejo de independência financeira foi durante muitos anos associado à essência masculina, não à feminina. Como afirma Almeida (2007), na realidade das mulheres das classes médias, o trabalho passaria a existir a partir dos anos 1960, revestido de um sentido emancipatório, como um projeto individual, quando já era posto sob questionamento o padrão da “mulher esposa-mãe-dona-de-casa”.

Embora, mais tarde, Lúcia até tenha se casado e tido filhos, sua fala é um testemunho da abertura das possibilidades de vida para as mulheres, fazendo do trabalho um lugar de realização pessoal. Ocorria, assim, não somente a transformação dos modelos de família, como também de trajetórias de vida instituídas.

A despadronização das trajetórias de vida seguida pelos indivíduos, como aponta Cavalli (2003), se faz pela flexibilização de parâmetros que eram anteriormente empregados de maneira rígida visando à regulação do curso de vida. Seria justamente esta a consequência de tantos questionamentos: o aumento das possibilidades de escolha dos indivíduos na condução de suas vidas; a perda de poder de influência de tradições; a conquista de um lugar para o indivíduo nas relações que o permita ocupar o centro de suas vidas.

O discurso da igualdade entre os indivíduos inspirou o questionamento da divisão dos papéis sexuais na sociedade na geração mais velha. Este é um fato relevante para a transformação das trajetórias de vida em contexto de individualização, como ressalta Widmer et al (2006). A existência de dois padrões de trajetórias de vida – uma para homens e uma para mulheres – é constante nas diversas sociedades, obedecendo à lógica de distinção da participação social para cada sexo. Mas, a tendência no contexto contemporâneo é que trajetórias masculinas e femininas se aproximem, tornando-se mais parecidas.

Como se pode ver nesta análise de discursos, para a geração mais velha, o padrão social estabelecia uma grande diferença entre os discursos de homens e mulheres sobre suas preocupações na vida e, justamente, essa diferença estava relacionada aos diferentes lugares ocupados por eles na família e na sociedade.

Assim, o fato de algumas mulheres começarem a dar importância ao trabalho e à realização profissional indica possibilidades de variação dentro de um modelo social em que homens e mulheres se comprometiam diferentemente com trabalho e família. Novos parâmetros se apresentavam, então, para influenciar o engajamento dos indivíduos no plano de constituir uma família (Féres-Carneiro & Magalhães, 2005; Féres-Carneiro & Ziviani, 2009), de modo que o vínculo que se forma num casal comporta a idéia de independência financeira entre parceiros, não sendo mais o contrato do casamento a única forma de realização das mulheres.

6.4.

Um modelo de trajetória de vida centrada no indivíduo e a descentralização do casal nas novas concepções de família

Como consequência dos diversos questionamentos vividos pelas pessoas da geração anterior, as pessoas das gerações posteriores nasceram e viveram em uma sociedade com padrões sociais já bastante transformados. Verifica-se entre elas, em primeiro lugar, um discurso masculino e feminino mais igualitário, no que diz respeito à circulação de homens e mulheres pelos espaços da família e do trabalho. Isso confirma os apontamentos de Cavalli (2003), quando ele afirma que uma especificidade do contexto contemporâneo é que as trajetórias de vida masculinas e femininas tendem a se aproximar, a se tornar mais parecidas, embora diferenças marcadas por antigos padrões não tenham desaparecido completamente.

De fato, observou-se nesta pesquisa que, para esta nova geração, os discursos dos entrevistados e das entrevistadas são mais parecidos no que diz respeito a suas aspirações e preocupações. Tanto para os homens como para as mulheres há um forte desejo de alcançar a independência financeira e realizar-se profissionalmente, o que demonstra um afastamento do padrão social que associava feminilidade à vida familiar e masculinidade à vida pública.

A abertura do mundo do trabalho às mulheres e do mundo da família aos homens, além de desestabilizar um padrão de trajetória de vida baseado na assimetria de gêneros, anuncia a formação de outro padrão de trajetória de vida que permite uma maior margem de manobra dos indivíduos sobre suas vidas,

acompanhada da demanda de independência dos indivíduos em seus relacionamentos. Isso ilustra o que Cavalli (2003) denomina como institucionalização de trajetória de vida individualizada. A desinstitucionalização de um modelo de trajetória de vida que tinha padrões rígidos estabelecidos dá lugar a outro modelo, menos padronizado, mais flexível, que tem como centro o indivíduo.

Uma segunda consequência que os questionamentos vividos pela geração anterior deixaram para as gerações mais jovens – que é uma consequência, também, da individualização dos modelos de trajetórias de vida – é a descentralização do casal na concepção de família. A desarticulação de um padrão de assimetria de gêneros socialmente estruturado abalou o padrão de família que tinha o casamento como uma relação duradoura e inseriu a “liberdade individual” como ingrediente dos laços familiares (Singly, 2000; 2007). Diante disso, como afirma Segalen (2008), o casal vem deixando de ser o núcleo fundador da família e passando a ter os filhos como o vínculo mais importante.

6.4.1.

Diminuição das assimetrias de gênero e apelo à autonomia individual

Uma diferença entre os discursos das pessoas das duas gerações entrevistadas diz respeito à disparidade anteriormente existente entre as preocupações apresentadas pelos homens e pelas mulheres. Para a geração mais velha, era uma preocupação dos homens ter um trabalho que o possibilitasse sustentar uma família e das mulheres poder engajar num bom casamento, mesmo que elas estivessem cursando a universidade.

De acordo com os discursos das pessoas da geração mais jovem, tal distinção entre as preocupações de homens e mulheres não foi constatada. Ao contrário, observou-se uma grande coincidência da preocupação com assuntos do mundo do trabalho tanto para eles quanto para elas. Parece então que, atualmente, tanto os homens quanto as mulheres se preocupam com seu sustento e buscam uma forma de ganhar um bom salário e ser financeiramente independente.

Isso vai ao encontro dos resultados da pesquisa realizada por Feres-Carneiro, Seixas & Ziviani (2006) que indicaram ser uma prioridade nos projetos

de vida de jovens, homens e mulheres, o investimento na vida profissional e a busca por estabilidade financeira.

Como se pode ver no discurso de Lígia, o trabalho é uma preocupação para ela, pois é o meio de garantir o seu sustento e a sua independência financeira.

“É uma fase um pouco difícil porque eu me formei e quando a gente se forma a gente espera que consiga um emprego dentro da nossa área muito rápido. E o país inteiro tá em crise, o mundo inteiro tá em crise, e tá muito difícil conseguir alguma coisa dentro do que eu quero. Eu tô trabalhando, mas não é no que eu quero. Quero trabalhar com meio ambiente. Isso em termos profissionais (...) Eu adoro estudar, mas nem sempre a gente tem que fazer o que a gente gosta. Às vezes tem que pensar também um pouco no nosso futuro. Essa é a parte profissional do meu momento. (...) Então a minha preocupação no momento é essa. É me estabilizar financeiramente e encontrar alguma coisa que me satisfaça ou não. Porque, quem disse que a gente trabalha pra curtir? Não, às vezes a gente trabalha pra ganhar dinheiro e pra comer, sei lá” (Lígia, 33 anos, solteira)

A mesma preocupação tem Flávio: encarar um mercado de trabalho difícil para poder crescer na profissão e ter o seu sustento.

“Bom, eu me encontro dentro de uma classe social... classe média no caso. Então a gente tem uma certa dificuldade de... como eu posso dizer... de progredir. Dificuldades que eu digo de trabalho, é uma competição muito grande, principalmente agora que a Ed. Física que é uma atividade que tá crescendo no trabalho. Muita gente. E a concorrência é grande... de alunos dentro da academia, conseguir um lugar legal pra trabalhar, conseguir um pagamento bom e aí você ter o seu cantinho. Que tá difícil. Hoje não tá fácil.”(Flávio, 31 anos, solteiro)

A preocupação destes jovens-adultos de hoje com sua independência financeira está diretamente relacionada ao desejo de terem uma vida

independente, sustentando-se plenamente, tendo sua própria casa, como se pode ver na fala de Daniela e Gabriel:

“E aí foi engraçado porque quando eu aluguei o apartamento deu um sentido no meu trabalho, tipo assim, porque agora eu preciso mesmo daquele dinheiro sabe? Ele me proporciona coisas que eu quero ter. Já era assim, mas era mais solto. Eu juntava, gastava ali, fazia uma viagem. Agora, não. Se isso for embora, a casa também vai, sabe? Então, meio que deu um sentido outro pra minha vida, assim, porque tá diretamente relacionado com essa coisa de independência de fato, sustentar um lugar que é meu. Algo que só é possível por causa disso.” (Daniela, 28 anos, solteira)

Gabriel também deseja ter independência financeira:

“... eu gostaria de ter uma independência total. (...) assim, eu gostaria de pagar minhas próprias contas. Eu não pago meu plano de saúde, por exemplo. Não sei, eu acho, eu gostaria de saber que eu sou auto-suficiente. Ninguém é auto-suficiente, mas pelo menos em algum sentido, né? Financeiro, que seja. Mas pelo menos foi um passo.” (Gabriel, 27 anos, solteiro)

Observa-se o comprometimento de homens e mulheres com o trabalho visando à independência financeira e pessoal. Para os homens da outra geração, a independência financeira já fazia parte de suas preocupações. Mas para as mulheres, não. A responsabilidade pelo sustento do lar era dirigida mais aos homens do que às mulheres, de modo que para elas a preocupação maior era a de encontrar um bom marido e realizar bem as atividades reservadas às mulheres – cuidar da casa e dos filhos -, mesmo que conciliando com algum trabalho.

Para as mulheres da geração mais jovem, a idéia de ter uma profissão está relacionada à idéia de poder se sustentar, ganhando seu próprio dinheiro. Diferentemente da outra geração, em que o trabalho das mulheres era visto como um acessório para a família, para esta geração ele é a garantia de sustento e de

independência que elas têm. Por isso, elas investem cada vez mais na profissão, em busca de bons salários e também de realização profissional.

A fala de Carla, logo abaixo, também ilustra o comprometimento da mulher com o trabalho no cenário da contemporaneidade, algo não muito comum para as pessoas da geração anterior:

“Quando eu comecei a fotografar, com 18 anos, isso me deu um desespero muito grande. Porque eu não sabia como é que ganhava dinheiro. (...) Porque aí você pensa que... eu tinha 18. Se em 10 anos eu não desse certo, eu fazia um concurso público. (...) Então, eu vou fazer um cursinho, vou passar num concurso público, vou ganhar meu dinheiro e aí fotografia vai virar hobby. Mas aí eu dei exatamente esse prazo. Quando, com 26, deu uma quebra na minha carreira de fotógrafa, eu entrei em pânico. Porque, com 26 eu parei de poder me bancar. Com 24 eu tava me bancando super bem, com 26, quando eu fiz essa mudança, me ferrei. E eu falei, ‘cara, talvez daqui a 2 anos eu tenha que abandonar isso’. E no ano seguinte tudo voltou ao normal, foi tudo bem, tal. Então, eu tenho planejamento, mas meu planejamento é 100% voltado pra minha carreira. (...)Então o meu projeto é, obviamente, estar ganhando bem, o que é claro. (...) O meu planejamento é esse. O meu planejamento é tentar colocar o que eu tenho hoje e fazer isso se multiplicar.”(Carla, 32 anos, solteira)

A preocupação de Carla em se estabilizar financeiramente, toda a programação feita por ela para que pudesse alcançar isso e, agora, o desejo de continuar crescendo na profissão e ganhar mais dinheiro indicam uma significativa transformação no modo de inserção da mulher na sociedade.

A ambição da mulher no trabalho formal é algo relativamente novo na nossa cultura e remete à desconstrução do padrão fortemente incorporado à nossa sociedade da imagem da mulher como destinada a ser mãe-esposa-dona-de-casa, dependente financeiramente do marido, e do modelo “homem-provedor e mulher dona-de-casa” (Rocha-Coutinho, 1994; Costa, 1989; Maluf & Mott, 2008). A incorporação de valores individualistas e igualitários propiciou um movimento de questionamentos e contestações dos padrões estabelecidos, os quais foram

reconhecidos como mecanismos de cerceamento das possibilidades de existência da mulher. Portanto, a ida da mulher ao mercado de trabalho, a conquista de sua independência financeira e pessoal, bem como sua identificação com o trabalho representa a libertação das mulheres de um padrão opressor, num contexto de valorização da produtividade – algo que começou a acontecer nas histórias de mulheres das gerações anteriores.

A próxima fala, de Rafaela, é também bastante ilustrativa desse processo de desconstrução do modelo de mulher “dependente do marido”. Ela conta:

“o Ricardo (namorado dela), por exemplo, que tá comigo... Ele é um tipo de pessoa que eu não espero dele... eu espero, óbvio, que ele divida a conta comigo, mas eu não espero que ele me ultrapasse financeiramente porque, assim, eu acho até que é do gênio da pessoa. Ele trabalha com web design, mas ele é mais relaxado do que eu. Eu, não. Eu acho que eu tenho mais garra pra correr atrás do que ele. Eu acho até que muito do nosso relacionamento, muitas vezes, muitas coisas sou eu que vou bancar porque eu quero, entendeu? E eu não espero dele que... vamos dizer que eu tô trabalhando, eu quero ir para um restaurante bom um dia. Ele pode falar “eu não tô podendo dar dinheiro, não”. Tudo bem, eu vou e banco.”(Rafaela, 34 anos, solteira)

Para ela, o fato de alguém arcar mais os custos da vida não depende do sexo, do fato de ser homem ou mulher, mas de características pessoais de cada um. Isso demonstra um significativo grau de afastamento das referências que guiavam as pessoas das outras gerações, no que diz respeito às assimetrias de gênero e aos papéis sociais rigidamente impostos a homens e mulheres.

Poder não esperar dos homens a postura do homem-provedor ilustra o que muitos autores apontam: que a transformação do lugar social da mulher provoca também uma transformação naquilo que se espera dos homens, em todas as esferas, inclusive a da intimidade, com os homens sendo introduzidos ao mundo da afetividade (Rocha-Coutinho, 2000; Teykal & Rocha-Coutinho, 2007; Gomes & Resende, 2004; Giddens, 1992).

Nesse contexto, as preocupações financeiras tocam agora homens e mulheres no que diz respeito aos planos de ter filhos. Passa a ser responsabilidade de ambos o sustento dos filhos. Por isso, como se pode ver nos discursos de Lucas e Lígia, a situação de trabalho e estabilidade financeira têm grande relevância para determinar o momento de ter filhos:

“Olha, hoje, hoje em dia, meu grande sonho era ter um filho. Esse é meu objetivo. Era ter um filho. Mas, devido a alguns planejamentos aí financeiros, hoje em dia eu não posso.” (Lucas, 27 anos, casado)

Para Lígia, ter condições financeiras boas é importante para assegurar aos filhos um bom nível de educação:

“Só que outra coisa que eu penso muito é na segurança financeira, que é muito importante para as crianças. Eu nunca teria um filho se eu tivesse recebendo mal, num momento financeiro ruim, porque... o que eu quero pro meu filho? Educação, que é uma coisa extremamente cara, viagens, experiência de vida, entendeu? Tudo que eu tive... Muitas das coisas que eu tive, eu corri atrás. Não foram-me dadas pelos meus pais. Mas eu queria poder... Não quero que os meus filhos tenham que se virar, ou meu filho... sei lá quantos serão... tendo que se virar pra correr atrás de tudo, como eu corri muito durante a minha vida, em termos de experiência, de sair de casa...” (Lígia, 33 anos, solteira)

Então ter segurança financeira antes de ter filhos aparece como algo importante. Sustentar a família não é mais uma responsabilidade que recai exclusivamente sobre os homens, como era anteriormente. Hoje, é uma preocupação também para as mulheres, que não vêm mais os assuntos do trabalho como sendo de segundo plano na sua vida.

Outra diferença importante nos discursos desta geração em relação à geração mais velha é que o trabalho se tornou um espaço importante de realização pessoal tanto para homens como para mulheres. Isso significa que, para além do sustento pessoal ou familiar, o trabalho se converte em valor para o indivíduo,

sinalizando, mais uma vez, uma ruptura com padrões que predestinavam mulheres ao lar e homens ao trabalho. Isso é muito interessante de se observar, sobretudo através das falas das mulheres, que é onde se encontram as diferenças mais marcantes entre os discursos das duas gerações.

Assim, na fala de Gustavo trabalho é fonte de realização não só financeira, mas também pessoal:

“Tô trabalhando em uma indústria que fabrica produtos odontológicos, uma coisa meio exótica. Mas, assim, o meu dia a dia é muito parecido com o dia a dia de executivo porque eu trabalho num escritório, com orçamento, e tem muitas similaridades. E, assim, eu gosto de fazer. Eu não me vejo, assim... as pessoas pensam isso: ‘o Gustavo largou o cinema, foi pro escritório trabalhar com administração por causa do dinheiro. É um trabalho assim muito chato.’ Não, eu adoro fazer o que eu faço. É muita paixão no que eu faço hoje. E, não sei, é claro que tem coisas chatas, eu tenho estresse também, mas tem coisas assim que eu gosto bastante de fazer.”
(Gustavo, 27 anos, solteiro)

O valor do trabalho aparece na fala de Daniela, quando ela conta do momento de angústia que vive justamente por não saber como se realizar no trabalho que escolheu para si.

“Eu tenho medo de chegar, tipo, aos 40 e tantos anos e ver que eu fiquei fazendo isso, esses trabalhos que não são para mim, sabe? Mas, cara, eu não sei. (...) Mas tem uma questão aí. Na verdade a minha sensação é que eu não amo o que eu faço. Não é uma coisa que eu faça para mim, mas eu também não sei que coisa seria essa. Eu fiquei tão perdida que teve uma época que eu pensei: cara, o meu talento pode ser pra matemática e eu não sei, cara, comecei a ficar desesperada. Tem uma série de coisas no mundo, como é que eu vou descobrir o que que é? Não sei.(...) Eu fico achando que é meio medíocre eu ficar a vida inteira fazendo uma coisa assim pros outros um trabalho que é ok, eu faço, eu consigo fazer bem, mas não me

desperta nenhuma coisa especial. Mas sem saber que coisa seria, assim. Eu acho muito pobre isso, na verdade. Eu me critico muito mas não vejo uma saída muito objetiva e fácil pra essa situação.”
(Daniela, 28 anos, solteira)

Para ela, a profissão é um lugar importante de afirmação de si e de desenvolvimento de seus potenciais – algo absolutamente contrastante com o discurso até poucas décadas vigente, que afirmava ser a mulher naturalmente inapta ao trabalho no âmbito público.

Estes são dois exemplos de como o trabalho se tornou hoje um espaço de realização pessoal para homens e mulheres. Além de independência financeira, almeja-se o reconhecimento pessoal no trabalho e que esse trabalho faça sentido para o trabalhador ou a trabalhadora. Em comparação com o discurso que sustentava a assimetria de gêneros, observa-se que não era comum que as mulheres projetassem suas identidades no trabalho fora de casa. O espaço com o qual elas se identificavam era o espaço do lar, as atividades domésticas. Mas, atualmente, uma outra lógica – a lógica do individualismo - rege a relação trabalho-família e homem-mulher, tornando possível que homens e mulheres transitem por esses espaços.

A entrada da mulher no mercado de trabalho gerou a necessidade de conciliar as tarefas de casa com as demandas da profissão, como diversos estudos vêm apontando (Rocha-Coutinho, 2003; 2005; 2007; Losada e Rocha-Coutinho, 2007; Jablonski, 2009; 2010). A necessidade de programar a maternidade, como já indicou Scavone (2001), bem como a necessidade de reduzir o número de filhos, é um reflexo do novo modelo de família do qual fazem parte mulheres que investem na sua vida profissional.

“Eu já pensei muito em ter um filho de qualquer jeito, mas por esse lado profissional que eu tô te falando, hoje não tem como. Cara, com uma pessoa já é complicado, nessa vida que eu levo sozinha, então... eu ia ter que voltar com minha mãe pra ela cuidar, sabe? (...) Eu posso até ficar viúva grávida, mas, assim, é algo que se eu puder controlar isso não vai acontecer. Por escolha isso não vai acontecer. Eu não vou ter um filho sozinha pra voltar pra casa da minha mãe pra

ela ter que cuidar. (...) Hoje, ter filho fora de casamento, fora de uma coisa assim, não é uma possibilidade, não.(...) Eu teria... pra ter um filho eu teria que arrumar um marido muito muito compreensivo e muito rico. Haha. Porque, cara, eu trabalho de 6:30 da manhã à 11:30 da noite e às vezes eu tenho mais alunos de 'personal'. Eu fico preocupada, que tempo eu vou ter pra essa criança. Eu não tenho tempo nem pra almoçar. Quanto mais assim, essa vida louca e corrida, cada hora tem que dar aula num lugar, como é que eu vou colocar uma criança na minha vida? Mas eu tenho vontade de ter filhos, sabe?" (Patrícia, 28 anos, solteira)

O investimento na vida profissional faz com que exista a preocupação de, no futuro, poder conciliar trabalho e cuidado dos filhos. Muitos estudos (Rocha-Coutinho, 2005; Jablonski, 2010) apontam que, comumente, esta conciliação fica mais a cargo da mulher do que do homem, como resquícios do padrão que associava mulher à vida doméstica e homem à vida pública.

Contudo, a fala de Gabriel demonstra que esta preocupação começa a existir hoje também para os homens, como se pode ver:

"A dificuldade de conciliar trabalho e família? Ah, eu gostaria de ter tempo pros meus filhos e pra minha esposa, viajar com eles e tal e ao mesmo tempo tenho que ficar preparando aula pra 2 cursos, tem que ficar estudando coisas que as pessoas vão fazendo e indo a congressos e... Eu acho que... Não sei... Mas eu acho que não dá tempo. Simplesmente por isso. Quer dizer, dá tempo, dá. Mas você vai acabar fazendo menos de cada coisa, né? Então, talvez você não consiga ser o profissional que você gostaria de ser e/ou o pai que você gostaria de ser. Acho que é isso.

C: Por quê? Que pai e que marido você gostaria de ser?

G: *Que esteja presente, né? Que converse com seus filhos e sua esposa. Que assista televisão juntos, que pergunte o que eles estão fazendo, saber da vida deles, saber se eles estão tendo dificuldades no colégio, se tão namorando ou não tão namorando, participar, dar opinião, coisa que eu não gosto muito de fazer, mas haha, mas tem*

que fazer. Não sei. Dar um bom exemplo pra eles, ser honesto com eles, não sei. Acho que é isso.” (Gabriel, 27 anos, solteiro)

Então, se por um lado as mulheres de hoje conquistaram um novo espaço de realização - o mundo do trabalho -, parece que os homens também começam a encontrar na vida dentro de casa um lugar de importância para sua realização pessoal, que precisará ser conciliada com sua vida profissional.

Isso indica uma importante mudança com relação ao discurso da geração anterior. Para a geração mais velha, a distribuição da ocupação com o trabalho e com o cuidado dos filhos era desigual para homens e mulheres. Elas se encarregavam mais dos assuntos do lar enquanto eles se dedicavam mais ao trabalho. À medida que as mulheres começaram a entrar para o mercado de trabalho, a elas cabia saber conciliar seu papel na família com sua vida fora de casa. Mas, para a geração mais jovem que foi entrevistada, essa é uma preocupação que começa a existir para ambos, homens e mulheres.

É importante assinalar que, embora a fala de Gabriel denote uma intenção masculina de estar mais presente na vida familiar, isso não significa necessariamente uma mudança em relação à divisão das tarefas em casa. O desejo de Gabriel de participar da vida familiar futuramente se refere apenas ao desejo de participar mais da vida dos filhos – conversando, assistindo televisão juntos, querendo saber mais da vida deles - e dar a eles um bom exemplo. Considerando o que indicam as estatísticas de 2005, que em todos os tipos de família a participação feminina nas tarefas domésticas é mais do que o dobro da participação masculina, então pode-se observar na fala de Gabriel indícios de mudança, mas também de permanência de valores tradicionais no que diz respeito à vida familiar.

Por isso, é interessante considerar que para cada gênero, a preocupação em conciliar trabalho e cuidado dos filhos tem um sentido diferente. No caso das mulheres, essa conciliação existe há algumas décadas, advindo da crescente necessidade da mulher garantir sua independência e seu sustento. Mas era o comum que a vida familiar estivesse em primeiro lugar em suas vidas, como um eixo de sua identidade historicamente afirmado. Assim, a rotina do trabalho não podia atrapalhar suas atividades mais importantes, que eram justamente aquelas desempenhadas dentro de casa.

Para os homens, a idéia de conciliar trabalho e família tem outro sentido. Para eles, consiste no resultado da transformação de padrões sociais tradicionais, segundo os quais a tarefa de cuidar dos filhos era atribuída à mulher. Conciliar seu trabalho com os cuidados à família é poder estar presente na vida dos filhos e da esposa, poder saborear uma convivência que antes não existia para muitos homens.

Na medida em que independência financeira e realização profissional passam a fazer parte do mundo das mulheres, e que estar presente na vida da família passa a ser considerado importante para os homens, verifica-se a significativa transformação de uma das bases que sustentavam uma concepção de família que tinha como centro o casal: a divisão dos papéis sexuais, com a designação do trabalho ao homem e da vida familiar à mulher.

Uma outra diferença importante indicada na análise dos discursos das duas gerações investigadas está no fato de as pessoas da geração mais jovem desejarem morar sozinhas. Embora alguns estudos indiquem uma tendência, no cenário atual, a que jovens-adultos das classes médias e altas permaneçam morando nas casas de seus pais, conciliando coabitação familiar e ganho de autonomia individual (Ramos, 2006; Henriques, 2009), nos discursos dos nossos entrevistados da geração mais jovem a idéia de ter liberdade está relacionada à independência da família de origem, à saída da casa dos pais, mesmo que as relações familiares sejam consideradas relações confortáveis, abertas ao diálogo e não tolhedoras da liberdade individual. Nesse sentido, como alguns estudos já vinham apontando (Guerreiro, 2003; 2005), morar sozinho surge como uma possibilidade sinalizada pelos novos padrões que atualmente influenciam o curso da vida.

É o que se pode ver a partir da fala de Lígia, para quem ir morar sozinha, mesmo que tendo um padrão de vida mais baixo do que tinha na casa de sua mãe, era importante.

“É. Tinha 21 anos (quando foi morar sozinha). E até que melhorou. Assim, saí do maior conforto, sabe? Fui pra um moquifo, haha, mas eu me senti muito mais à vontade porque eu não queria ninguém tomando conta da minha vida, entendeu? Porque talvez durante um ano ninguém tava tomando conta da minha vida e eu me acostumei

com aquilo, quando eu tava fora, né, do país. E a minha mãe sempre me deu bastante liberdade”. (Lígia, 33 anos, solteira)

Também para Gabriel, foi interessante se mudar da casa dos pais, mesmo que lá tivesse liberdade, pois assim poderia “passar pelo teste”, crescer.

“Na verdade é mais uma coisa da idéia de tá sozinho do que ter liberdade... ter mais liberdade na prática, porque meus pais não se incomodavam de eu levar namorada pra casa, fumava maconha sem problema em casa, nunca tive nenhum problema com relação a isso. Mas, chega um momento que a gente quer até passar pelo teste, né? Quer ter os perrengues de morar sozinho, né? Porque sabe que isso vai acontecer em algum momento, né? E acaba já querendo passar por isso. Já que eu já ia ter um pouco mais de liberdade financeira porque a bolsa de doutorado é um pouco melhor, então eu achei que ia ser bom pra mim vir morar sozinho. Aí, sei lá. Arrisquei. Sempre quis fazer isso, minha mãe apoiou e ... É, porque... muitas pessoas acham que têm que sair de casa na hora que casa, né? Eu não sei se eu vou casar ou se eu não vou casar e eu queria passar por isso, então eu achei que era um momento bom de fazer isso”. (Gabriel, 27 anos, solteiro)

As falas de Carla e Rodrigo apontam as inconveniências de se dividir o mesmo espaço com familiares quando já se é adulto, como se pode ver:

“Então, depois que eu saí de casa a primeira vez eu descobri que morar sozinha, quando meu irmão saiu também, morar sozinha era a melhor coisa que eu podia fazer por mim. Sanidade mental mesmo.” (Carla, 32 anos, solteira)

“Eu, por conta dessa parte profissional, tive dor de cabeça 40 dias direto. Todo dia acordava com uma dor de cabeça insuportável, que era muita sobrecarga de trabalho, de um trabalho que eu não gostava, entendeu? (...) Apesar de que colabora muito o fato de eu ter

saído da casa da minha mãe. (...) Ah, porque era a casa dela, não era mais a minha casa. Chegou um momento que deixou de ser a minha casa e passou a ser a casa dela. (...) E a questão de convivência também, às vezes era meio complicada... não sei... ela não se metia muito na minha vida, não, mas a convivência às vezes era um pouco intensa demais... E também eu comecei a acumular coisas demais pra guardar tudo dentro de um quarto só. (...) Eu ficava acumulando coisas lá, ela falou: fica calmo que você vai embora; não fala mais nada, não; não reclama mais não! Eu perdi a voz, foi chegando no final, eu não tinha voz nenhuma em casa. Em 2006, 2007, eu falava qualquer coisa, ela: ‘você não tem mais nada pra dizer aqui, espera que você vai se mudar, aí você vai ter sua casa e você se vira lá’. (...) É, porque são dois adultos, né? São dois adultos na casa. Acho que tem um momento, quando você tá fazendo a faculdade, você ainda tá um pouco sob a tutela. Bem diferente de quando você começa a ganhar dinheiro. As coisas, pra mim foi direto, quando eu consegui independência financeira eu vim pra cá (para o apartamento que divide com um amigo atualmente).” (Rodrigo, 32 anos, solteiro)

Pensar em morar sozinho, saindo da casa dos pais, é, assim, um horizonte recorrente para as pessoas da geração mais jovem. Reivindicando liberdade e ganho de responsabilidade, homens e mulheres se imaginam autônomos antes de se casarem ou de terem filhos. Em comparação com os discursos da outra geração, isso significa a ampliação das possibilidades de vida de homens e mulheres, com a abertura de um momento de vida adulta que antes praticamente não existia.

O fato de homens e mulheres desejarem viver uma parte de suas vidas sozinhos indica a forte ruptura com um padrão de trajetória de vida segundo o qual só se saía de casa para se casar, onde a entrada para a vida adulta era definida pela saída da casa dos pais para formar uma nova família. Atualmente, a passagem para a vida adulta, conforme Guerreiro (2005), tende a configurar-se por si só numa fase de vida, dentro da qual, em um primeiro tempo, se isenta de grandes preocupações e se dedica a experiências e aventuras; e em um segundo tempo, quando já se tem estabilidade e responsabilidade, pensa-se em casar e ter filhos.

Isso remete à necessidade de se olhar criticamente para a concepção de ciclo de vida enquanto uma sucessão de fases que se deve percorrer e para o processo de passagem para a vida adulta na contemporaneidade (Borges & Magalhães, 2009). A desinstitucionalização das fases da vida (Carter & McGoldrick (1995), referida por Giddens (2002) e Cavalli (2003) como uma consequência da individualização da sociedade contemporânea, advém da diminuição da influência das tradições na identidade dos indivíduos.

O fato de os indivíduos buscarem uma vida autônoma, morando sozinhos, tendo uma vida a sós, escolhendo um estilo de vida do qual fazem parte a responsabilização por si mesmo e o desfrute da pouca interferência dos familiares está ligado à emergência de uma concepção de sujeito autônomo, cuja identidade se define pelo distanciamento dos papéis sociais estabelecidos (Kaufmann, 2004; Martucelli & Singly, 2009). Para este sujeito que emerge, é possível que os planos de constituir família não ocupem uma posição central no horizonte de suas trajetórias de vida - pelo menos, não como era anteriormente. Assim, a escolha por morar sozinho indica a menor subordinação do indivíduo às instituições, com uma abertura à afirmação de sua autonomia.

A diminuição das assimetrias de gênero e o apelo à autonomia do indivíduo têm duas repercussões importantes para os fins deste estudo. A primeira é que isso tudo transforma a maneira com que o curso da vida é institucionalizado e, conseqüentemente, a forma como se concebe uma família. Conforme Goldani (2004), na contemporaneidade, a família é vista como um processo de articulação das trajetórias de vida de seus membros. Ela deixa de ser resultado da combinação de papéis familiares complementares, passando a ser o resultado de acordos elaborados por meio da interação familiar, configurada pela articulação das trajetórias individuais.

A segunda repercussão é que, sendo a autonomia e a individualização componentes das relações contemporâneas, elas também passam a existir como elemento de estabilidade do casal (Singly, 2007). Isso marca uma diferença importante com relação ao equilíbrio do casal moderno, onde dependência fazia parte do contrato conjugal. O avanço do individualismo na vida social faz com que a dependência interpessoal seja sentida como um peso para os indivíduos e o projeto de estarem juntos pressupõe que, antes, cada um tenha meios de estar sozinho. Isso poderá ser melhor compreendido através das próximas categorias de

análise que serão apresentadas, que se referem diretamente às mudanças na conjugalidade.

6.4.2.

Expectativa de ruptura das relações amorosas

A análise dos discursos dos entrevistados da geração mais jovem, quando comparadas aos discursos dos entrevistados da geração mais velha, apontou mudanças nas expectativas dos indivíduos em relação à vida conjugal que estão ligadas à fácil ruptura das relações amorosas face à crescente demanda de liberdade individual na contemporaneidade.

O aumento de incidência de divórcios no Brasil e em muitos outros países é um dado apontado por estatísticas e discutido por diversos autores. Está relacionado, de um modo geral, à incorporação de valores individualistas na sociedade, à despadrãoização das trajetórias de vida e à maior margem de manobra dos indivíduos sobre suas vidas. A busca por relações pessoalmente satisfatórias, como aponta Singly (2007) e Giddens (1993), propicia maiores facilidades para o rompimento de relacionamentos amorosos. A própria medida da satisfação de um relacionamento amoroso mudou. Como aponta Diniz (2009), para as gerações anteriores, a duração dos casamentos podia ser explicada pelo valor atribuído à estabilidade do núcleo familiar, mais do que a questões individuais. Diferentemente do que acontece no contexto atual, onde diversos mecanismos facilitam a ruptura de relacionamentos quando estes não atendem mais às expectativas individuais dos cônjuges envolvidos.

Dentro deste panorama, a pouca durabilidade dos casamentos parece afetar as pessoas da geração mais jovem no que diz respeito a suas expectativas em relação à vida amorosa. As falas de Lígia, Rafaela e Rodrigo mostram haver uma dificuldade de que se acredite que relacionamentos amorosos possam ser duradouros.

“... eu não sei se eu acredito em relacionamento a longo prazo. Eu realmente não sei. Hoje em dia, olhando ao meu redor, eu vejo que as pessoas ficam juntas 10, 15 anos, e se separam. Salvo raríssimas exceções. E essas raríssimas exceções às vezes são hipocrisias,

entendeu? São casais que não se gostam mais, mas não se separam por causa da sociedade que vai julgar, sei lá... porque tem medo ou porque a mulher não pode porque não tem condições financeiras de ficar sozinha. Então, eu vejo isso. Eu não quero nunca passar por isso, ficar junto de alguém por hipocrisia, por medo, né? E é isso.”
(Lígia, 33 anos, solteira)

“E eu não sei se é no Rio de Janeiro que acontece isso assim, mas as pessoas são muito... ficam juntos, casam, separam (...) É porque eu conheço poucas pessoas hoje em dia que ficam pra valer pro resto da vida. Tipo, casou, teve filhinho, ficou pro resto da vida. Pouquíssimas. Então, eu também não tenho essa mentalidade do apego. (...) Engraçado, na minha cabeça eu não tenho aquela fantasia do casamento perfeito. Eu acho também que tudo pode se espelhar muito na minha educação, né? No meu histórico de vida. Os meus pais se casaram. Depois de 13 anos de casado, se separaram e depois eu achei que os dois separados era muito melhor do que juntos. Sabe?”
(Rafaela, 34 anos, solteira)

“Eu acho que eu tenho um pouco de dificuldade com esses valores contemporâneos, eu já sei que nada é pra sempre, sabe? Então, eu sinto uma certa dificuldade de... não sei... de imaginar que eu vou casar pra todo o sempre com uma mesma mulher. Isso é uma coisa que é meio difícil, assim. Acho que talvez a diferença seja essa. Quando mais novo, meus pais foram casados muito tempo, quase 30 anos, então aquele modelo funcionava, sabe? Assim, “ela casou com 20 poucos e vai morrer junto”. Existe isso. E eu procurava isso, eu procurava alguém para sempre. (...) Não sei se os mitos vão caindo, teve esse namoro que acabou, também o namorinho de colégio de 3 meses. Aí agora, não sei, eu sei que tudo vai acabar. Os relacionamentos amorosos vão acabar. Então, fico com dificuldade com isso, até de saber com quem eu vou fazer... Porque é isso, não tem a pessoa certa.” (Rodrigo, 32 anos, solteiro)

Para os três entrevistados, o fim dos relacionamentos amorosos já é algo previsto. Como mostram os discursos dos nossos entrevistados, a experiência de verem os casais se separando, inclusive seus próprios pais, parece realmente ter influenciado a forma como eles concebem uma relação amorosa, deixando como marca a certeza de que os relacionamentos amorosos não são eternos, ou até mesmo que não se separar pode ser um empobrecimento para a vida pessoal.

Com relação à influência da conjugalidade dos pais nos projetos de casamento dos filhos, já que alguns entrevistados se referiram à vida conjugal de seus pais, um estudo realizado por Féres-Carneiro, Seixas & Ziviane (2006) aponta que o lugar que o casamento ocupa nos projetos de vida dos filhos pode estar relacionado com o modo como os jovens se apropriam de sua história familiar e com o discernimento sobre como os aspectos da conjugalidade dos pais os influenciam. Não há uma relação linear entre percepção da conjugalidade dos pais como muito satisfatória ou muito insatisfatória e a inclusão do casamento nos projetos de vida dos filhos. Segundo os autores, são as condições de diferenciação individual promovidas na família, e não a situação conjugal dos pais ou os níveis de satisfação percebidos pelos filhos, que determinam a possibilidade de estruturar um lugar para a conjugalidade no psiquismo.

Acreditamos que, além da herança familiar, o contexto sócio-cultural mais amplo influencie os planos de conjugalidade dos indivíduos. Sendo atualmente uma tendência geral a incidência de divórcios, compreende-se que para as pessoas das gerações mais jovens seja realmente difícil acreditar cegamente na durabilidade dos relacionamentos amorosos. O mais coerente é que assumam uma postura de ponderação sobre os riscos de uma separação conjugal e as perdas e ganhos individuais envolvidos no processo de manutenção ou de ruptura de um relacionamento, como foi observado nos discursos dos entrevistados.

Isso afeta diretamente as bases de uma concepção de família conjugal moderna, na qual se tinha como esperado a união do casal durante suas vidas inteiras, até a morte. Como afirma Segalen (2008), até algumas décadas atrás, o casamento era a forma legítima de se constituir uma família; e há de se ressaltar que aí se tinha uma idéia de casamento como uma relação estável e duradoura. Diante disso, a descrença das pessoas desta geração na resistência dos relacionamentos amorosos abala uma concepção de família que os tinha como seu centro.

Diversos autores apontam ser o divórcio um acontecimento fundamental para as turbulências que atingiram o mundo da família nas últimas décadas. Trata-se de um acontecimento que desestabilizou um modelo de trajetória de vida e de família, ao mesmo tempo. Primeiramente, porque, enquanto para as gerações mais velhas as trajetórias de vida de homens e mulheres eram determinadas em função dos papéis que lhes eram atribuídos dentro da família – mulher “rainha do lar” e homem “provedor da família” -, o advento do divórcio provoca uma redistribuição dessas funções entre homens e mulheres. Para as gerações mais jovens, como horizonte para suas trajetórias de vida está um modelo social que pressupõe maior igualdade entre homens e mulheres e que não tem mais no seu centro a família. São dados a homens e mulheres meios de realização no âmbito público e privado.

Em segundo lugar, o advento do divórcio desestabilizou um modelo de família, pois, pondo sob questionamento aquele modelo de casal que se estruturava sobre a assimetria e complementaridade dos papéis de cada gênero, ele revelou a fragilidade do laço conjugal. Deste modo, o descrédito atribuído à durabilidade dos relacionamentos amorosos põe em cheque aquela concepção de família que tinha o casal como seu centro.

É interessante destacar que, ao falarem de suas expectativas de fim dos relacionamentos amorosos, há na fala de Rodrigo um tom de desilusão, enquanto que nas falas de Lígia e Rafaela isso não acontece. A separação aparece como algo que pode ser interessante nas histórias dos indivíduos. Talvez se possa atribuir essa diferença à própria história da mulher que, durante tantas décadas – ou séculos –, se viu restrita ao universo da família, à subordinação ao marido, etc., de modo que, para elas, o divórcio pode ser visto como um acontecimento libertador, benéfico para os cônjuges, que traz para cada um deles recompensas e crescimento pessoal.

Imaginar que um casamento pode não ser para sempre e que tal fato não será uma catástrofe para as pessoas não significa que os relacionamentos amorosos sejam menos importantes para os indivíduos hoje. Ao contrário, como aponta Féres-Carneiro (1998), justamente porque há grandes expectativas dirigidas ao casamento é que os cônjuges se divorciam quando não se sentem satisfeitos. A aceitação da possibilidade do fim dos casamentos abre caminhos para se pensar em outras trajetórias de vida que não tenham a família e o casal como seu centro, dentro das quais a vida a dois é uma possibilidade para as

peessoas, mas não a única. Isso é radicalmente diferente do que se apresentou no discurso das pessoas da geração anterior, onde o divórcio foi apontado como uma surpresa inesperada com a qual não se sabia lidar.

6.4.3.

Demanda de liberdade nos relacionamentos

Nos discursos das pessoas da geração mais jovem a idéia de liberdade esteve presente como algo muito valorizado por elas. De uma forma geral, em todos eles “liberdade” foi percebida como respeito à sua individualidade/singularidade, e surge como um elemento sagrado, inviolável, absolutamente necessário nos relacionamentos. Isso nos fala de uma característica central das relações contemporâneas muito discutida por autores como Giddens (2002; 1993), Bauman (2008), Maffesoli (1987), Hall (2001), Velho (1981; 1999) e outros. O indivíduo da contemporaneidade se pretende livre para circular pelo mundo social, mantendo um distanciamento de instituições, tradicionalismos e tudo aquilo que o impediria de poder fazer escolhas.

A reivindicação de individualidade nas relações se explica pelo fato de se considerar que o vínculo amoroso pode colocar em risco a identidade pessoal. De fato, em algumas modalidades de relacionamento conjugal, onde era esperado que cada um dos cônjuges cumprisse papéis socialmente estabelecidos, as individualidades ficavam camufladas por máscaras estatutárias. Contudo, no cenário atual, onde as instituições são menos apreciadas, a liberdade torna-se um ingrediente essencial da química do casal. Como afirmam Kaufmann (2007a) e Singly (2000), existe, na contemporaneidade, a expectativa de que os indivíduos se descubram como “eus autênticos” numa relação a dois, o que seria incompatível com o cerceamento das individualidades.

Na fala de Flávio, liberdade é apresentada como o mecanismo de preservação de sua identidade num relacionamento, como se pode ver:

“Liberdade. Liberdade individual da pessoa. A pessoa tem coisas dela, que é só dela, entendeu? Eu tenho coisas que é só minha. E eu não posso impedir isso nela e nem ela pode impedir isso em mim, entendeu? (...) Compreensão, acima de tudo, compreensão. Num

relacionamento, isso é uma chave. Pra coisa prosseguir e vocês viverem felizes para sempre. E hoje em dia tá difícil de ser felizes para sempre.” (Flávio, 31 anos, solteiro)

Para Carla, liberdade é poder não abrir mão do mundo para estar com alguém:

“... Eu adoro viajar sozinha. Sou do tipo que coloca a mochila nas costas e vou. Passo o final de semana. Como eu tô, muitas vezes, namorando, isso não é uma coisa agradável e nem sempre a galera topa, sabe? (...) ‘Te adoro, mas o mundo é muito maneiro. Tem um monte de coisa acontecendo. Eu saio, eu viajo’. Eu tenho essa coisa de presença. Sabe? O mundo só tá acontecendo se eu tô presente nele.” (Carla, 32 anos, solteira)

Para Rafaela, a individualidade também é fundamental num relacionamento:

“Por isso que, talvez, num relacionamento, eu não tenha aquele apego, porque eu acho que a pessoa tem que ter sua individualidade. Não sei.” (Rafaela, 34 anos, solteira)

Poder ser livre para se desvincular do compromisso amoroso quando se julga necessário também é desejado. Rodrigo considera importante garantir o respeito às individualidades dos cônjuges também mediante os procedimentos jurídicos envolvidos em um relacionamento estável. Em um contexto em que há a expectativa de que os relacionamentos amorosos acabem, os procedimentos jurídicos do casamento acabam tendo o propósito de favorecer a manutenção das individualidades dos cônjuges, facilitando o processo de separação do casal, se isso vier a acontecer um dia, como se pode ver:

“Então, eu não sei nem se faz sentido pra mim o cartório. Acho que faz até pelo... antes o que o casamento no cartório pode representar, né? Você fica 5 anos com a pessoa, vira um regime, se você assinar

um papel vira um regime que você determina assim “é separação de bens”. Não sei. Tem umas coisas jurídicas que você só juntar às vezes você fica mais junto do que se você assinar um papel dizendo “não, estamos juntos mas estamos separados”. Aí, eu acho que cartório, nesse sentido, assim. Eu não sei.(...) Pra não casar em comunhão de bens. Isso é... Meus pais se casaram assim, antigamente tinha essa coisa de se casar em comunhão de bens que hoje em dia não se faz mais. As pessoas... Eu acho também que isso dá muito problema. Acho que uma hora acaba, assim... Eu não sei.” (Rodrigo, 32 anos, solteiro)

Mas tanta liberdade, como mostra Flávio, pode tornar complicada a manutenção de um relacionamento:

“Eu tive uma passagem na Índia agora e observei uma coisa: as mulheres lá andam muito cobertas. Então o homem realmente não vê o físico da mulher. Já vê a beleza interna, não vê a beleza externa, entendeu? Aqui o ponto de encontro é praia. Você vê a mulher praticamente nua. Então tá todo mundo tarado. Isso aqui é uma orgia pura. O cara tá casado, mas pega uma, pega duas, pega três, pega quatro. E ama a mulher dele, não vai deixar de tá junto da mulher dele, entendeu? Mas é aquela coisa do desejo, aquela coisa da tentação, aquela coisa dessa loucura que a gente vive hoje em dia. Então realmente tá difícil das pessoas prosseguirem no casamento, num relacionamento, a não ser se os dois compreenderem os fatos.” (Flávio, 31 anos, solteiro)

De fato, como já apontaram Féres-Carneiro (1998), Singly (2000) e Kaufmann (2007a), é difícil a conciliação entre individualidade e conjugalidade, e justamente a idéia de “liberdade” remete à de individualidade. Diante de tamanha demanda por liberdade, as relações conjugais e familiares podem ganhar um sentido “opressor” para o indivíduo. Como afirma Lucas, logo abaixo, o fato de estar casado o impede de realizar outros sonhos:

“Então, eu acho que hoje em dia eu não me casaria, não. (...) Porque... não sei. Porque aconteceram algumas coisas na minha vida que eu tive que... Por exemplo, eu acho que casamento hoje, eu tenho muito sonho ainda que eu posso realizar, mas o fato de eu estar casado me impede. (...) Olha, eu queria muito ir pra fora estudar. Uma época eu tive essa oportunidade e não fui porque sou casado. Então, é complicado.”(Lucas, 27 anos, casado)

Há, por isso, para muitas pessoas, o desejo de adiar os planos de casamento e filhos para “aproveitar a vida” antes, desfrutar da liberdade que os vínculos familiares toham, como se pode ver nas falas de Daniela e Rodrigo:

“Quero aproveitar esses momentos, essa fase que eu posso, assim, independente, muito jovem ainda, que eu posso pensar que eu posso ter um filho daqui a 6 anos e tá tranquilo, porque daqui a 6 anos eu vou estar com 34. Ok ter um filho com 34, entendeu? Mas eu quero muito esses 6 anos. Eu acho que eles são muito importantes, sabe? Eu jamais faria isso agora (...) Eu até cogito casar, mas não é uma coisa nos próximos anos. É uma coisa que vai estar mais ligada a quando eu tiver mais calma entre aspas. Eu já me sinto mais calma, mais madura, mas eu ainda acho que é muito importante pra mim fazer as coisas sozinha e ter um pouco de liberdade de fazer o que eu quero. Tem dia que eu não quero estar com essa pessoa. Não tem nada de errado nisso, mas eu não quero. E é uma parada que meio que impede muito isso. Você pode até combinar, você sai com fulado e eu com beltrano, mas você vai voltar pra dormir na mesma cama necessariamente. Isso é muito radical, assim, pra mim ainda.”
(Daniela, 28 anos, solteira)

“Mas eu acho que tem que ter... a segurança financeira do freela é você ter 6 meses do que você ganha por mês. 6 meses guardado, sabe? Se você precisa de 3 mil, precisa ter 18 mil de reserva. Não tenho minha segurança financeira, mas... mesmo porque, quando eu ganho dinheiro eu quero gastar, quero viajar e tal. Um monte de

viagens que eu não fiz e eu quero fazer. Quero ir pra Europa, sei lá, conhecer a América Latina, Peru, Bolívia. Então, eu vou gastar dinheiro, eu junto pra gastar, porque eu não tenho nada me prendendo, nenhum compromisso desse tipo, sabe? Como filho. Eu acho que não é pra logo, não. Eu quero pra depois de uns bons anos. Quero poder, o dinheiro que tiver, gastar e não segurar. Mesmo porque pra você ter um filho é muito caro. Então, não consigo. O dinheiro que eu tenho dá pra mim, se juntar mais uma pessoa, tem milhões de gastos... Haha. Colégio, essas coisas são muito caras. Tem, eu acho, que estar num outro patamar de vida mesmo. Que não é o atual, certamente.” (Rodrigo, 32 anos, solteiro)

Será preciso estar em “outro patamar da vida” para poder assumir compromissos familiares? Qual será este “outro patamar”? Um dia se esgotarão os desejos individuais a serem satisfeitos antes da constituição de uma família?

As falas de Daniela e Rodrigo apontam os riscos que uma grande demanda de liberdade individual pode trazer para os compromissos amorosos e familiares. Estar comprometido pode ser entendido como um risco à liberdade individual atualmente tão almejada. Isso faz com que fragilidades alcancem o domínio dos vínculos familiares. Hoje, os vínculos conjugais e familiares de uma forma mais ampla estão vulneráveis às oscilações dos indivíduos. Nesse contexto, instabilidades recaem também sobre a concepção de família que tinha na solidez do casal uma base, como era para as gerações anteriores, sinalizando a necessidade de uma reestruturação da concepção de família.

6.4.4.

Ter filhos não está necessariamente vinculado ao casamento; pode ser um projeto individual

Segundo os discursos analisados, ter filhos é algo muito desejado pelos indivíduos, mas não está necessariamente vinculado ao casamento.

“Tipo, não me vejo não tendo filho. Eu acho que eu quero filho porque eu fui criada dessa forma.” (Rafaela, 34 anos, solteira)

“Ah, ter uma criança, um filho... Eu acho que se eu não tiver por qualquer motivo vai ser uma frustração.” (Patrícia, 28 anos, solteira)

“E não sei, tenho muita vontade de ter filho. Isso é uma coisa que eu espero que aconteça na minha vida.” (Rodrigo, 32 anos, solteiro)

“Olha, hoje, hoje em dia, meu grande sonho era ter um filho. Esse é meu objetivo. Era ter um filho.” (Lucas, 27 anos, casado)

Na concepção de família das pessoas da outra geração, o casal ocupava uma posição central na concepção de família, de modo que se pressupunha primeiro a existência de um casamento duradouro para que depois viessem os filhos. Mas, para os entrevistados desta geração, para quem as relações amorosas não são vistas como relações duradouras, a idéia de ter filhos não apareceu necessariamente vinculada à existência de um relacionamento amoroso estável, como se pode ver na fala de Gabriel:

“Não sei. Eu acho que eu gostaria de criar um filho. Agora, como é que vai ser isso, se eu preciso estar casado pra fazer isso ou não, na verdade eu nem... não sei. Eu sei que eu quero ter filhos. Pretendo ter filhos.” (Gabriel, 27 anos, solteiro)

A presença de um parceiro é esperada como alguém que vai ajudar nos cuidados com a criança.

“Eu já pensei muito em ter um filho de qualquer jeito, mas por esse lado profissional que eu tô te falando, hoje não tem como. Cara, com uma pessoa já é complicado, nessa vida que eu levo sozinha, então... eu ia ter que voltar com minha mãe pra ela cuidar, sabe? (...) Eu posso até ficar viúva grávida, mas, assim, é algo que, se eu puder controlar, isso não vai acontecer. Por escolha, isso não vai acontecer. Eu não vou ter um filho sozinha pra voltar pra casa da minha mãe pra ela ter que cuidar. (...) Hoje, ter filho fora de casamento, fora de uma

coisa assim, não é uma possibilidade, não.” (Patrícia, 28 anos, solteira)

“Acho que eu gostaria de passar por isso independente de estar casado ou não. (...) Obviamente, ter filhos é bom que você tenha uma pessoa do lado te ajudando a criá-lo. (...) Acho que, da mesma maneira que eu resolvi passar por esse teste de morar sozinho, eu gostaria também de passar por isso, entendeu? De dividir o apartamento com alguém, possivelmente com a minha possível esposa. E de criar, criar um ser humano...” (Gabriel, 27 anos, solteiro)

“Assim, marido, se ele existir pra mim é 100% melhor porque é uma figura que vai me ajudar a cuidar da família.”

“Mas também eu escolheria um marido com esse perfil... Um homem cuidadoso, que goste de criança. Um homem que saiba dividir as coisas, porque eu vou trabalhar também. Então, eu não vou ficar fazendo tanta tarefa de casa. Então, quando eu olho uma pessoa e escolho essa pessoa pra estar com ela e aí, a partir daí, depois de um tempo, eu escolho que essa pessoa de repente possa vir a ser o meu marido, ela tem que ter essas características, entendeu?”.

“Será que essa pessoa é muito machista? Será que ele vai ajudar dentro de casa? Será que ele vai ser um pai presente, mesmo que não esteja morando comigo? Será que ele vai ser um pai presente? Porque eu não sei se eu acredito em relacionamento a longo prazo. Eu realmente não sei”. (Lígia, 33 anos, solteira)

Surgem, assim, outros sentidos para se ter filhos. Os motivos apresentados pelos entrevistados para desejarem ter filhos parecem ter, na maior parte dos casos, uma conotação individual. Exceto para Rafaela, que foi a única entrevistada que apresentou como motivo para querer ter filho argumentos que remetem à sua criação familiar e, de alguma forma, à continuidade familiar, como se pode ver:

“Adoro criança. Adoro. Eu sei que depois cresce. Mas eu acho que é o tipo de criação que eu tive também, entendeu? Eu já fui criada com aquela mentalidade. Tipo, não me vejo não tendo filho. Eu acho que eu quero filho porque eu fui criada dessa forma.” (Rafaela, 34 anos, solteira)

No caso dos outros entrevistados de uma forma geral, prevalecem em seus discursos razões de caráter individual. Ter um filho pode significar uma experiência individual engrandecedora, uma mudança de status, o ganho de autonomia em relação à família de origem, uma forma de contribuir para o mundo ou de garantir uma companhia para a velhice.

A individualização da motivação para se ter filhos indica significativa mudança no engajamento dos indivíduos na constituição de uma família, marcada pela ruptura com tradicionalismos e continuísmos que anteriormente impregnavam os atos dos indivíduos. Em um mundo marcado por instabilidades de vínculos e de identidades (Bauman, 2008), onde recai sobre o indivíduo a elaboração de desejos e projetos, até mesmo os motivos para se ter filhos passam a ser trabalhados reflexivamente (Giddens, 2002), havendo, portanto, a necessidade de uma razão pessoal para a decisão de tê-los.

Nos discursos analisados, a palavra “experiência” foi recorrente quando os entrevistados explicavam os motivos que os levavam a desejar ter filhos. Ter filhos em busca de uma experiência pessoal é retirar dessa experiência o sentido social e comunitário que ela poderia ter, e destacar o seu sentido pessoal. Isso diz muito sobre o contexto de produção do sentido da família na contemporaneidade. A crescente individualização das relações e os conflitos que isso traz para a vida conjugal vêm transformando a lógica das relações familiares, fazendo dos planos de ter filhos um projeto solitário, cujas razões as consequências recaem sobre o próprio sujeito.

Assim, observou-se nos discursos dos entrevistados que um filho pode ser desejado pela experiência individual que isso supostamente traz para o pai ou a mãe: a de poder experimentar um outro nível de vínculo, desfrutar de uma companhia mágica como a de uma criança, alguém que irradia alegria, com quem se pode brincar.

Na seguinte fala de Gustavo, ele explica que gostaria de ter um filho um dia pela experiência que isso possa trazer para sua vida:

“... até o ano passado, na verdade eu oscilava muito com relação a ter filhos. ‘penso em ter, não penso em ter’. Até o ano passado eu tinha meio que uma certeza de que eu não gostaria de ter filho. (...) Era isso. Assumir uma responsabilidade, você tem uma responsabilidade muito grande. Uma coisa pro resto da vida, você ter alguém que você vai ser... que ela vai ser diretamente dependente de você. E você vai responder por ela. E, assim, não é uma coisa, não é um objeto. É uma pessoa. Então, essa coisa tem me assustado um pouco. E no ano passado eu mudei. Hoje eu penso em algum dia ter um filho, tal.

C: O que fez você mudar?

G: Foi uma situação que me marcou. Eu guardo muito isso na minha lembrança. Eu tava num aniversário na casa de uma amiga e o irmão dela teve filho recentemente, assim. Na época, ele tipo tava com 1 ano. Não tava nem andando. Tinha uns 10 meses, assim. E aí, não sei, era uma festa, uma reuniãozinha à tarde, tipo. E aí eu comecei a perceber a... a festa meio que parou assim pra ficar vendo ele assim, andando, brincando no quarto, tal. E eu não sei, é estranho, é uma energia inexplicável. A gente não consegue muito entender. É uma energia que aquela criança tava passando ali pra um grupo de 20 pessoas adultas, de diferentes idades, pessoas mais novas, mais velhas. E eu achei aquilo muito positivo, assim. Não sei. De alguma forma, acho que talvez... vá me acrescentar, vai ser uma coisa benéfica pra mim. Não sei... não sei muito bem. Mas, basicamente, foi essa energia, assim, aquela criança tava exalando felicidade pras pessoas que estavam ao redor. E a partir daquele dia eu falei ‘eu quero ter um filho, sim, algum dia’.”

“Não sei, de início eu penso assim, talvez seja uma configuração, sei lá, um estágio à frente do... Não sei, acho que é um estágio à frente, que eu não conheço, experiências de coisas assim... como que eu vou dizer, estados e sensações de vida que eu não conheço, nunca

experimentei, e que você ter essa configuração, pessoas, um nível de relação que eu não conheço, que eu acredito que seja importante pra uma pessoa ter. E...” (Gustavo, 27 anos, solteiro)

A fala de Gustavo remete-nos à discussão de Bauman (2001) sobre o que ele nomeia como “vidas instantâneas”. Como aponta o autor, na configuração social contemporânea, predomina um tipo de vinculação social marcado pela instabilidade e fluidez das referências, o que torna propícia a valorização de experiências momentâneas pessoais. A ênfase dada ao tempo do aqui e agora, com a substituição da lógica do adiamento, dos projetos a longo prazo e dos compromissos duradouros pela lógica do “curto prazo”, faz com que a instantaneidade se afirme como um ideal, possibilitando que a vivência de um momento seja uma experiência infinita e muito valorizada, mesmo que seja breve e “fugaz”.

Assim, no discurso de Gustavo, a descrição da motivação para ter filhos - a busca por um estado ou uma sensação de vida desconhecida - parece bastante próximo daquilo que se busca em vidas instantâneas, com a valorização daquilo que o momentâneo pode representar - ainda que ter filhos não seja algo passageiro, muito pelo contrário.

Para Gabriel, ter filho se relaciona com a conquista de autonomia pessoal e de independência familiar, que se inicia quando se vai morar sozinho, culminando na capacidade de criar um ser humano. Ter filhos marcaria, portanto, uma nova fase que ele gostaria de experimentar:

“Acho que é só de passar por uma experiência de ser pai. Não sei. Não sei se é porque eu quero passar minha raça adiante. Acho que não. Acho que da mesma maneira que eu resolvi passar por esse teste de morar sozinho, eu gostaria também de passar por isso, entendeu? De dividir o apartamento com alguém, possivelmente com a minha possível esposa. E de criar, criar um ser humano, uma personalidade, moldar. Obviamente que não é a gente o único responsável por isso, mas a gente influencia um pouco, né? Então, não sei, eu gostaria de passar por isso (...) Ah, (imagina que ser pai é) passar pelo monte de perrengue e muitas coisas boas também, né? Ter medo por outra

“pessoa, né? Ao mesmo tempo que você é protetor dela, você também é vítima. Vítima não é ‘vítima’ a palavra. Você tá exposto também. Se você perde seu filho no mercado... Então, é um pouco isso. Ao mesmo tempo que você é forte você acaba sendo frágil, nesse sentido. Você tem que ser forte pro seu filho, mas ao mesmo tempo você ter o filho já te torna frágil. Então, não sei, acho que deve ser muito bom porque todo mundo diz que é muito bom. A gente aprende que deve ser muito bom. Então, por que não? Eu gosto de experimentar coisas.”(Gabriel, 27 anos, solteiro)

Também para Rafaela, a experiência de ter filhos é percebida como um passo na escalada da autonomia individual em relação à família de origem.

“Você ter a experiência de você criar uma família. Não você ter sido gerada. Mas você ser criadora também, talvez. De você ter a sua estrutura, entendeu? Ter o filho com a sua educação e a educação do homem que tá do seu lado, entendeu?” (Rafaela, 34 anos, solteira)

Filhos podem ser desejados como uma forma de contribuir para o mundo. Rodrigo e Lígia acreditam que, tendo um filho “bem criado”, pode-se contribuir para melhorar o mundo. Não se trata de valorizar a experiência de ter filhos, mas de vê-los como uma forma de deixar uma marca no mundo. Uma marca individual, claro.

Como se pode ver, na fala de Rodrigo, ter filhos é comparado a uma grande criação científica, pois eles também vão influenciar as histórias de outras pessoas:

“Acho que a grande coisa que você constrói na vida é um filho mesmo. Mais do que qualquer outra coisa. A não ser que você seja, sei lá, o Leonardo da Vinci, que fez uma grande colaboração pra humanidade, haha, ou mesmo, sei lá, um livro, acho que isso muda... a maneira de você mudar o mundo é com um filho, é colocando uma pessoa no mundo e com o tempo essa pessoa vai atuar, vai passar

pela vida de milhares de pessoas, então... como vai ser sua história. Com isso, você tá mudando o mundo. Dando esses valores e tal. Vai colocar alguém no mundo pra ser... sei lá, um cara legal, isso é o mais importante que você faz. Mais do que qualquer trabalho que você faça, porque na verdade, o trabalho que eu faço pode ser, sei lá... uma boa colaboração ao mundo mas acho que a minha colaboração seria também os filhos. 'Tá aí. Tô colaborando com essas pessoas bacanas', por aí. Ter orgulho dos filhos.” (Rodrigo, 32 anos, solteiro)

Na fala de Lígia, ter filhos é uma forma de construir um mundo melhor:

“Primeiro, uma companhia, também. Uma boa companhia, eu imagino ser. Segundo, colocar uma vida é uma coisa que você fez. Acho que é a coisa mais bonita que alguém pode fazer. Colocar uma vida no mundo. Terceiro, manter essa vida e tentar encaminhar de forma que ela continue construindo um mundo melhor. Eu posso estar sendo bastante utópica, mas eu acredito nisso. Entendeu?” (Lígia, 33 anos, solteira)

Somente para Daniela, a idéia de ter um filho estaria necessariamente ligada a um relacionamento amoroso, como se pode ver:

“Eu acho que filho faz sentido se você quer ter um filho com alguém, sabe? Na minha cabeça. De você achar uma pessoa tão incrível que você acha que de repente vai ser muito maneiro gerar uma outra pessoa e ela ter a ver com isso. Eu não tenho a menor vontade de ter uma produção independente. De ter filhos. Eu tenho amigas que têm isso. É impressionante. Eu tenho uma amiga que quer ter filhos de qualquer jeito. Não importa como. Ela quer. Se ela não tiver, ela vai ser muito frustrada, assim, no discurso dela. Cara, isso pra mim não existe.” (Daniela, 28 anos, solteira)

Mas, ainda assim, no discurso de Daniela a idéia de ter filhos está revestida de motivos individuais, pois seria consequência da experiência do profundo amor que se sente por alguém.

A individualização da motivação para se ter filhos pode ser entendida como uma consequência que as mudanças da contemporaneidade trouxeram para o universo da família. A vulnerabilidade do laço conjugal no contexto atual, provocado pela valorização da individualidade dos cônjuges e do enfraquecimento do poder de influência das tradições (Singly, 2000; Bauman, 2008; Giddens, 1993; 2002), introduziu reflexividade no processo de motivação das pessoas para terem filhos. Com isso, passa a ser necessária uma reflexão individual a respeito da decisão de ter ou não filhos, reflexão essa que coloca em destaque o desamparo dos indivíduos em um contexto marcado pelo afrouxamento dos laços sociais. Uma vez que não se encontra mais nos parâmetros socialmente dados uma resposta objetiva e clara sobre dever ter ou não filhos, e que não se espera estabilidade dos vínculos amorosos, fica a cargo do próprio indivíduo encontrar suas razões para ter filhos e, então, sustentá-las. Desta forma, explica-se o fato de os motivos apresentados pelos entrevistados para se ter filhos terem sido basicamente motivos pessoais.

Rodrigo e Patrícia apresentaram como motivo para se ter filhos o medo de envelhecerem sozinhos:

“Eu não sei... eu não sei de fato em que posição eu vou estar de tudo, de nada, mas mais distante assim, eu tenho medo de ficar velho sozinho, sabe? Então, ter filhos e tal, isso tudo traz vida pra sua vida, né? E acho isso fundamental. E não sei, tenho muita vontade de ter filho. Isso é uma coisa que eu espero que aconteça na minha vida. Ver a criança crescer. Seu filho crescer. Acho que é um momento que você reavalia tudo o que você passou, vai vendo passar todas aquelas fases, vai revivendo, você volta a ser criança porque você tem que brincar com uma criança, então tem que ser criança com ele e tal. Acho que é uma renovação que é importante de você ter na sua vida. Eu tenho muita vontade de que aconteça. Mas eu não sei daqui há quantos anos. Eu não sei... eu acabei de começar a namorar. Não sei se é com essa... Acho que, assim, em última instância, se eu virar uma

pessoa solitária, assim, eu acho que eu adotaria um filho, sozinho, produção independente. Mas eu não acho que seja o caminho, não. Eu preferiria em algum momento ter uma família. Na verdade, essas questões não habitam a minha vida. Você tá falando agora, eu tô imaginando, sabe?” (Rodrigo, 32 anos, solteiro)

“Ah, não ficar sozinha (refere-se à importância de formar uma família). Hahaha. Imagina. Eu fico me imaginando velhinha, sozinha, sem ter filho, sem ter neto, sem ter um companheiro do lado. Ah, eu acho que é isso... Acho importante esse negócio assim...” (Patrícia, 28 anos, solteira)

Pelos discursos de Rodrigo e Patrícia pode-se ver que, mesmo que as razões para se ter filhos sejam individuais – tais como: acompanhar o crescimento de uma criança ou ter uma companhia para a velhice pode ainda ter -, ter filhos pode significar o desejo de retomar o sentido de família perdido no tempo. “Medo de ficar sozinho na velhice” e “sentimento de renovação advindo da convivência com crianças” são argumentos que remetem ao suporte tradicionalmente ligado à família, propiciado por laços de solidariedade e por referências de pertencimento, que hoje tendem a se diluir. Assim, em meio a um sentimento de desamparo individual decorrente do afrouxamento dos laços sociais da pós-modernidade, os filhos podem ter um papel estabilizador dos receios dos próprios pais. Como afirma Rodrigo:

“Acho que a relação de compromisso que você estabelece com os seus filhos, né, acho que também é uma coisa que vai te dar segurança de vida, sabe?” (Rodrigo, 32, solteiro)

Certamente, no horizonte da família individualista, em meio às instabilidades que atingiram o casal, os filhos surgem como uma forma possível de resgatar o espírito de família. Como afirma Segalen (2008), hoje é o vínculo de filiação que passa a ser perene, incondicional, numa família. Então, é a criança que funda a família.

6.5.

Família continua sendo importante

Apesar das diferenças observadas nos discursos das pessoas das duas gerações entrevistadas sobre suas trajetórias de vida, suas expectativas sobre a vida conjugal e seus planos de ter filhos, no que diz respeito ao valor e à importância dos laços familiares, os discursos foram semelhantes. “A família” continua sendo para as gerações mais jovens, como é para as gerações mais velhas, um sistema de relações muito prezadas, na medida em que propicia a transmissão de referências importantes para a vida, sinaliza sua origem pessoal e seu pertencimento a uma linhagem, além de ser uma rede de apoio e de solidariedade com a qual se pode contar nos momentos difíceis.

Desta forma, os resultados da pesquisa indicaram, como Attias-Donfut, Lapierre & Segalen (2002) já haviam remarcado, que a individualização na família não fez com que a família extensa desaparecesse, de modo que o valor dos laços de parentesco continua existindo. Isso é, segundo as autoras, um mistério das nossas sociedades contemporâneas, pois ao mesmo tempo em que se fabricam laços familiares que permitem a cada um perseguir objetivos individuais, isso não resulta no desligamento do sentimento familiar.

6.5.1.

Origem pessoal

Tanto para Norberto como para Carla, os familiares mais velhos são um sinal de sua origem pessoal:

“E essa origem... eu gosto de ter uma origem. E continuar, a parte de convivência, ter uma certa origem que seriam os avós. Então, você tem essa origem que vai de família. Eu gosto. Eu acho importante ter uma família.” (Norberto, 65 anos, casado)

“Tem coisas que eu vejo em mim, que eu olho pra minha mãe, fico olhando “caraca”. Eu vejo as fotos da minha mãe... e a minha mãe, a princípio ela é muito diferente de mim. E quando você vê, tem umas

coisas de marca no rosto, essa coisa de rostidade que é muito similar. Do meu pai, também. Eu e meu irmão... meu irmão saiu na capa de uma revista agora de tecnologia, tal, aí todo mundo “seu irmão é esse. É a sua cara.” É engraçado. É legal. Tem essa coisa da referência de você no mundo, sabe?” (Carla, 32 anos, solteira)

A importância da origem pessoal nas sociedades tradicionais estava ligada à função da linhagem familiar na inserção social e no reconhecimento das pessoas. Mas, num contexto individualista, onde está em jogo justamente o desprendimento do indivíduo de referências herdadas, que são entendidas como tolhedoras das possibilidades de invenção da identidade pessoal, a valorização da origem familiar impõe que se reflita sobre os sentidos que a origem pode ter para os indivíduos contemporâneos.

Apesar do que muitas vezes se afirma sobre a diminuição das influências exercidas pelas referências recebidas da família – como, por exemplo, as referências de origem - na contemporaneidade, parece que, para muitas pessoas, persiste uma representação positiva sobre os valores e as referências que a família transmite. Assim, talvez seja uma leitura errônea aquela que concebe a busca de autonomia pelos indivíduos como o desejo de se desfazer de todos os laços; que entende as necessidades de mobilidades, físicas ou virtuais, dos indivíduos nas sociedades qualificadas de líquidas como o sonho de um mundo sem consistência, em que se detesta tudo o que é sólido e durável. Possivelmente, o que melhor explica o que ocorre no mundo contemporâneo, no que diz respeito aos laços sociais e familiares, não é o desejo dos indivíduos de romper com sua história, seu passado, mas a busca de uma maior margem de manobra de sua própria identidade e seu destino (Ramos, 2006a; Borges, 2009b).

De acordo com um estudo realizado por Ramos (2006a), as origens familiares têm grande importância na construção da identidade dos indivíduos contemporâneos e na condução de suas vidas. Delas advêm as ancoragens, apoios simbólicos, que permitirão aos indivíduos mover-se no processo de construção de sua trajetória biográfica sem se sentirem desamparados. Uma “referência de você no mundo”, como disse Carla, pode ser essa âncora que permite ao indivíduo deslocar-se sem, contudo, se perder de si mesma.

6.5.2.

Referências e valores

Da mesma forma que a referência das origens familiares, os valores transmitidos na família foram apontados como algo que reafirma a importância da família para as pessoas, como se pode ver nas falas de Elias, Lúcia, Rodrigo e Rafaela:

“Sem ter a minha família, eu nem sei como é que seria. Eu tive referências. Boas ou ruins, você tem referências.” (Elias, 65 anos, separado)

“Eu vejo o mundo de hoje... é impressionante a diferença de quem tem família e quem não tem. Quem tem uma estrutura, não to dizendo que precisa ser família rica ou pobre, nem com esses valores ou aqueles.” (Lúcia, 65 anos, casada)

“Haha. Acho que a família estabelece valores, né? Acho que... ah, não sei. Nunca pensei sobre esse assunto porque família também sempre é um valor tradicional, tradicionalista. Aí, falar da importância de família, parece que eu vou acabar falando essas coisas conservadoras, sabe? “A família é a unidade...” Haha. “é o grande valor da unidade”, sei lá. Acho que... mas não deixa de ser um pouco isso. Acho que os valores que você carrega na sua vida vêm da educação que você teve quando pequeno.” (Rodrigo, 32 anos, solteiro)

“Muito importante. Eu gosto da minha independência, mas [meus pais] são extremamente importantes. Eles me deram uma base. Eu me sinto uma pessoa, assim, sensata. Uma pessoa... Acho que muito das minhas qualidades de vida, de lidar com as pessoas, até de encarar o mundo veio da família.” (Rafaela, 34 anos, solteira)

A importância das referências familiares para os indivíduos é discutida em uma extensa bibliografia na qual se reconhecem as influências do ambiente na constituição e estruturação psíquica do ser humano. Mas, além desta perspectiva, os valores sociais que são transmitidos através do convívio familiar podem ser importantes para os indivíduos para que se apropriem de códigos simbólicos socialmente compartilhados e, assim, se insiram no mundo social. Trata-se, portanto, da importância da família como agência socializadora do indivíduo.

Paradoxalmente, a escalada da autonomia pessoal e as discontinuidades sócio-culturais não impedem a continuidade familiar. Apesar das diferenças intergeracionais exacerbadas pela velocidade das transformações do mundo contemporâneo, as trocas afetivas e culturais que se dão dentro da família fazem dela um importante referencial para que os indivíduos façam suas escolhas, como se pode ver:

“Porque eles também ficam preocupados, tentando te direcionar pro melhor caminho possível pra você viver tranquilo. Eles estão sempre dando apoio. Eles ajudam. Se eu tiver alguma dificuldade, tanto psicológica ou financeira, qualquer extremo desses aí, eles estão sempre ajudando.” (Flávio, 31 anos, solteiro)

“É. Eu sempre peço muito a opinião pra minha família em relação a muitas coisas.” (Gabriel, 27 anos, solteiro)

“Apoio. Porque como a opinião deles tem um peso muito grande, tipo, eu ia ficar meio desestruturada nesse ponto. Com quem que eu vou falar? Quem vai me apoiar?”

“Com certeza. Tudo que eu quis fazer, até em termos de curso, ou “vou tentar alguma coisa diferente na minha área”, eu sempre fui estimulada. No começo, até financeiramente, né? Pô, “tô na faculdade, me formando, quero fazer o curso tal que você tem que pagar e eu não tenho dinheiro.” “é isso que você quer? Vai melhorar profissionalmente? Então eu vou lá e pago”. Hoje essa parte já não tem tanto porque eu trabalho e tal. Mas eles sempre me deram estímulo. Na verdade, o que eu ouvia da minha mãe e do meu pai da

faculdade “ah, se não gostar larga”, eu escuto da minha mãe até hoje. “Cara, se não der certo, se você se decepcionou, você é nova, então, pô, investe em outra coisa.” Nesse ponto até hoje ela se preocupa comigo. Problema sempre tem. Aí você chega “tô chateada com isso, tô chateada com aquilo.” Aí ela “é isso mesmo que você quer da sua vida?” (Patrícia, 28 anos)

É certo que a valorização das transmissões culturais intergeracionais hoje não revela o retorno de tradicionalismos na configuração das relações familiares, mas ela é interessante para se ponderar sobre os limites da individualização na família. Como já apontaram Attias-Donfut, Lapierre & Segalen (2002), não se pode afirmar que individualização conduza à desvinculação do indivíduo no encadeamento das gerações. Ao contrário, dados atuais indicam que a vinculação dos indivíduos com a linhagem familiar à qual pertencem persiste, mas hoje ela existe de diversas maneiras. Hoje, como anteriormente, o sistema parental impõe deveres e normas, obrigações morais, mas, diferentemente de como ocorria antigamente, estes são absorvidos de forma flexível e interiorizados por cada um como se fosse o resultado de escolhas e inclinações pessoais. Esta pode ser uma forma de conciliação de referências familiares com individualismo.

6.5.3.

Rede de apoio

Foi comum, entre os entrevistados, a descrição da família como sendo um clã, um time, uma rede de apoio. Trata-se de uma descrição recorrente, segundo dados apresentados por Attias-Donfut, Lapierre & Segalen (2002), esta que associa “espírito de família” a “espírito de equipe”. Ela coloca em evidência a importância de formas de solidariedades estabelecidas entre os membros da família para o fortalecimento dos laços familiares. Nessa concepção, segundo as autoras, fazem parte do “espírito de família” relações desinteressadas, gratuidade de trocas afetivas e materiais entre os parentes, generosidade entre os familiares e disponibilidade pessoal para os assuntos da família. Isso foi encontrado nos discursos dos nossos entrevistados:

“Eu acho... não sei se é verdade, mas pelo menos na minha cabeça, a família seria um modo... que você tinha pessoas desinteressadas que você pudesse ajudar, etc. Seria mais uma mentalidade de clã do que de outra coisa. (...) Eu acho família muito boa. Que uns ajudam o outro. É uma coisa que quando é bem amparado, quer dizer, eu acho muito importante. A pessoa só já é diferente. Eu pelo menos não tenho esse espírito.” (Norberto, 65 anos, casado)

“Eu acho. Isso é família. Isso é família, é uma equipe, uma empresa, uma firma. Haha. Uma empresa que precisa ter uma união de grupo. Isso é fundamental.” (Flávio, 31 anos, solteiro)

“Mas quando você tá em dificuldade é a família que tá com você, mesmo com todos os problemas.” (Elias, 65 anos)

“Então, às vezes você tem necessidade de ter uma ajuda em alguma coisa. E aí é complicado se você não tem ninguém, se você larga a família pra lá. Família ajuda muito nessas horas. Eu acho que a importância é essa, além do contato mesmo, de você não perder a história da família, coisas desse tipo.” (Sérgio, 69 anos)

“E eu acho muito bonito aquela coisa de... pôxa, essa pessoa me viu com 6 meses de idade, e tá me vendo agora, e tá pronta pra me ajudar, sabe, independente de qualquer coisa (...) Mas eu acho bonito essa relação, né? ‘Tudo bem, você fez uma coisa errada, mas você é da minha família, então eu vou te ajudar porque eu te vi nascer, porque eu sei como você é, eu conheço sua natureza.’ Eu acho isso bonito. E isso é muito latino. E a gente herdou isso. Quer dizer, eu. Eu herdei. Sem dúvida.” (Lígia, 33 anos, solteira)

“Ah, a família dá apoio. Eu agora, quando fui operada da tireóide, quem ficou comigo no hospital foi minha prima... Depois elas ficaram aqui comigo. A outra veio dormir aqui comigo. Não me deixaram

sozinha. Me dão muito apoio. Eu vejo família assim. Eu também gosto... eu acho que eu tive sorte também com a minha família, com minhas primas. Eu sou muito chegada a elas.”(Antônia, 63 anos)

“Total. Meu pai era um cara que eu chegava em casa: pai, tenho que comprar um livro. Quando é? Os livros de medicina são caros. Hoje em dia é muito caro ainda. Então, 500 reais. Dá pra tirar um pouco? Dá. No fim do mês ele pegava os 500 reais, tá aqui. Nunca me perguntou se o livro serviu pra alguma coisa. Nunca. Ele sempre foi muito atencioso.” (Alfredo, 67 anos)

“Você precisa, pra ser fotógrafa, você precisa de uma estrutura familiar, sabe? Ou então de alguma coisa por trás. É preciso. É muito tempo de dedicação pra você chegar a algum lugar.

C: Estrutura familiar que você fala é o quê?

A: Base. Base. Casa pra morar, ajuda financeira se você precisar. Você precisa poder se concentrar em alguma coisa que nem sempre vai te dar dinheiro.”(Carla, 32 anos)

A valorização da família como uma “rede de apoio” coloca em destaque as relações de solidariedades intergeracionais estabelecidas dentro dela. Segundo Attias-Donfut, Lapierre & Segalen (2002), a família é a esfera do “dom” por excelência. Dentro dela são constantes as trocas de apoio e afetos - tempo, dinheiro, presentes, ajudas, serviços diversos -, criando um sistema de “dívida positiva”, que alimenta a reciprocidade das relações entre gerações e entre pessoas da mesma geração.

Uma característica das “trocas e ajudas” concedidas dentro da família é que elas são trocas desinteressadas, diferentemente das trocas que acontecem na esfera do mercado, fundadas sobre o princípio da equivalência, da utilidade e do lucro, ou na esfera do Estado, fundadas sobre o princípio da autoridade, do direito e da justiça. Na família, embora não haja verdadeira contabilidade, nem estrita equivalência entre o dado e o recebido na família, a circulação de dívidas e de “dom” cria uma forma poderosa de reciprocidade interpessoal e, sobretudo, intergeracional. Ela delimita um conjunto de direitos e obrigações que cria e

fortalece os laços com os familiares da rede extensa. Deste modo, ao se tratar a família como “um time”, “uma equipe”, um “clã”, os entrevistados faziam menção justamente à reciprocidade na família.

6.5.4.

“Um lugar”

Foi comum entre os entrevistados das duas gerações falarem da família como um “lugar”: um lugar seu incondicional, para onde se pode retornar, onde é possível se recolher, obter ajuda, apoio e amor desinteressado, como se pode ver em suas falas:

“Você tem pai, você tem uma mãe, você tem um lugar. Porque a casa é um útero. É um segundo útero. Todo mundo quer ter casa. Todo mundo tem um lar. Quando você sai do útero...” (Elias, 65 anos, separado)

“Agora, pra mim, família é seu ninho. É o seu lugar. Acho que é seu permanente local, entendeu? O resto são relações (...) Eu acho que a família é o seu ninho, entendeu? É o lugar em que você realmente... um lugar incondicional seu.” (Augusto, 66 anos, casado)

“Ah, eu acho. Eu acho família importante, sim. Porque é a base de tudo. É onde a gente pode se recolher, ter alguma ajuda em todos os setores da vida. Acho que isso que é importante numa família.” (Flávio, 31 anos, solteiro)

“Pessoas desinteressadas, que gostam de você sem interesses maiores, como negócios. Gosta porque gosta, é um tio, pessoas queridas por eles. (...) Porque é desinteressado. Você ajuda. A ajuda mútua é muito boa. Interessante isso.” (Norberto, 65 anos, casado)

“Eu acho que é muito de lastros, de aconchego, de proteção, de cumplicidade. São aquelas pessoas que eu posso confiar. Que não vão

me dar uma rasteira. Embora eu tenha tido uma relação horrível com a minha mãe, ela me deu mil rasteiras. Mas a minha fantasia, o meu imaginário de família é isso. É quem eu posso confiar. Mesmo nas brigas. Eu brigava pra burro, né? Mas, mesmo assim, é gente do meu sangue, que não vai me tapear, não vai me passar pra trás, não vai me derrubar.” (Alda, 65 anos, casada)

“Mas eu acho bonito essa relação, né? “Tudo bem, você fez uma coisa errada, mas você é da minha família, então eu vou te ajudar porque eu te vi nascer, porque eu sei como você é, eu conheço sua natureza.” Eu acho isso bonito. E isso é muito latino. E a gente herdou isso. Quer dizer, eu. Eu herdei. Sem dúvida.” (Lígia, 33 anos, solteira)

Pode ser que, nas descrições da família como um “lugar”, acima descritas, a família cumpra a função de uma âncora, tal qual aponta Ramos (2006a), que torna possível aos indivíduos se aventurarem a inventar-se a si mesmo, tendo alguma segurança, um ponto de estabilidade.

A idéia da família como um “lugar para onde se pode sempre retornar” aponta para uma característica atribuída aos laços familiares: a incondicionalidade do vínculo familiar. Nesta concepção, têm-se os laços familiares como sendo determinados pelo pertencimento à mesma linhagem familiar ou pelo compartilhamento da história da família, independentemente das afinidades pessoais existentes entre os parentes. Ou seja, está em jogo aí a estruturação de uma rede de relações onde os laços de parentesco funcionam como uma categoria que permite distinguir dois mundos: um, no qual os indivíduos se reconhecem por estarem englobados por um sistema de relações determinado pelo valor dos laços de sangue (Abreu Filho, 1981), e outro, no qual esse reconhecimento não existe, ou pelo menos não é tão valorizado.

Mas a gratuidade do vínculo familiar, resultante da valorização da lógica hierárquica dos vínculos familiares, não foi um consenso entre os entrevistados. Nos discursos analisados, para as duas gerações, esteve presente também a idéia de que há necessidade de convivência e de afinidade pessoal para que o afeto familiar cresça. Como contam Daniela e Augusto, para haver o reconhecimento

afetivo de um familiar, tão importante quanto saber o grau de parentesco existente entre as duas pessoas é que exista afinidade pessoal entre elas, afinidade esta que é construída a partir da convivência:

“Eu acho que qualquer relação, seja com filho, ela é construída. Construída e mantida. Ela não pode ser por obrigação. Então, não que eu desgoste dos meus dois primeiros filhos, mas a falta de convivência com eles os colocam num patamar diferente dos dois que eu convivo. E que convivem comigo, que me procuram, etc e tal. ‘Ah, mas é seu filho’. É meu filho, nada contra, não quero mal nem... agora, que é diferente, é. A relação, de uma certa forma, se perdeu. Hoje em dia, eu não tenho uma relação. Eles são mais do nível do conhecimento, do conhecido, do amigo, do colega. Não sei se tá dando pra você entender. Não quero que nada... ao contrário. Tenho preocupação com a filha mais velha e tal. Mas a relação afetiva, ela fica de outro nível. Porque com essas minhas duas, ela continua sendo construída. E não só através de filhos. Acho que a dela tá se transferindo também pros filhos dela. Certo? Os outros não têm filhos. Mas se tiverem eu não sei (...) Acho que isso... às vezes a pessoa fala ‘você não gosta de mim!’ Não é que eu desgoste dos meus filhos. Eu não tenho relação afetiva com eles permanente. É diferente. Nesse aspecto. (...) Então, acho que a relação afetiva, ela é fundamental. E acho que a relação é uma coisa que você tem que regar. Não dá pra achar que é pra vida toda, que fica no mesmo nível. Não dá. É uma coisa em permanente construção. Em permanente crescimento. Ou, não. Estagnação. Estagnou.”(Augusto, 66 anos, casado).

“Eu gosto do meu avô e tal, mas não são pessoas que eu tenho muito contato, sabe? Meu avô, eu vejo pouco, assim... Acho que ele é um cara muito legal. Minha mãe gosta muito dele, admira ele muito. Minha mãe eu acho que é muito parecida com ele. Então, é por tabela. Mas nunca foi uma pessoa muito presente na minha vida. É aquela coisa de família. Eu sentia que “ele é meu avô”, mas no fundo, no fundo, qual é a relação que eu tenho com ele? Eu via que era mais

pela forma do que pelo conteúdo. Mais pelas ligações estruturais familiares do que por uma relação real, interna, sabe? Tava mais vinculado porque era família mesmo.” (Daniela, 28 anos, solteira)

Portanto, encontram-se aí as marcas de um paradoxo contemporâneo: a de compatibilizar laços de parentesco e laços de afinidade, uma vez que não são necessariamente vistos como equivalentes. Reconhecer a família como um “lugar” importante para os indivíduos implica no trabalho de tornar as relações familiares mais íntimas, aconchegantes, afetuosas, e, portanto, propícias ao recolhimento. É nesse sentido que se pode compreender os discursos de Lúcia e Rodrigo, para quem o amor e o interesse mútuo entre os familiares são fundamentais para que uma família seja de fato uma família. Como se pode ver:

“O amor de família, educação, pai, mãe. Amor entre as pessoas, seja de que forma for. Pode ser tudo de perna pro alto. Não importa. Se tiver amor, união entre aquelas pessoas ali, essas pessoas são outras criaturas, sabe? (contou um caso de uma família) Eles não são uma família, um não tem nada a ver com o outro. Pessoas que convivem apenas porque nasceram ali, mas ninguém se interessa por ninguém. Então, isso é um exemplo, assim, sabe? Incrível. (...) Porque eu acho que (família) é isso, é interesse, interesse de umas pessoas pelas outras.” (Lúcia, 65 anos)

“Eu não sei. Eu penso na família mais pelo amor, não tem muito mais... porque você está entre pessoas que se amam e se importam umas com as outras. Então, tem um pouco isso mesmo, essas coisas conservadoras.” (Rodrigo, 32 anos, solteiro)

Desta forma, como mostraram os discursos analisados, a importância da família hoje, como antes, se faz pela conjugação do valor dos laços de parentesco com o valor dos laços de afinidade. A exacerbação do individualismo na contemporaneidade não impede que as relações familiares continuem exercendo um papel importante na transmissão de valores, referências e na constituição de uma rede de apoio material e afetiva. A despeito de todas as diferenças que

marcaram os discursos das duas gerações focadas, no que diz respeito às suas maneiras de encarar o futuro e de imaginar suas trajetórias de vida, família continua sendo importante.

Mas individualização das relações na contemporaneidade trouxe conseqüências para as concepções de família compartilhadas por duas gerações. Abalando a estrutura da vida conjugal, fazendo do casamento uma união instável, transforma-se o contexto no qual os planos de ter filhos eram produzidos, quer dizer, transforma-se o contexto no qual a própria idéia de constituir família era produzida. Uma diferença muito marcante entre as concepções de família das duas gerações foi que filhos eram desejados anteriormente depois do casamento, enquanto que, atualmente, pode ser fruto de um desejo individual.

Todavia, esta análise de discursos sinaliza que a importância da família persiste ainda hoje. Parece haver uma demanda de continuação da constituição dos vínculos familiares nas vidas das pessoas, representada, sobretudo, pela idéia de ter filhos, que deve ser conciliada com os anseios de cada indivíduo.